

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - CCH  
ESCOLA DE BIBLIOTECONOMIA**

**Nathalia Paulino Oliveira**

**Mulheres cariocas e práticas de leitura nos anos de 1920: um estudo  
documental a partir das revistas *Fon-Fon* e *Jornal das Moças***

Rio de Janeiro  
2014

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - CCH  
ESCOLA DE BIBLIOTECONOMIA**

**Nathalia Paulino Oliveira**

**Mulheres cariocas e práticas de leitura nos anos de 1920: um estudo  
documental a partir das revistas *Fon-Fon* e *Jornal das Moças***

**Trabalho de conclusão de curso apresentado à Escola de  
Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de  
Janeiro, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel  
em Biblioteconomia.**

**Orientador: Prof. Dr. Fabrício José Nascimento da Silveira**

Rio de Janeiro  
2014

028.8  
O48

Oliveira, Nathalia Paulino.

Mulheres cariocas e práticas de leitura nos anos de 1920: um estudo documental a partir das revistas Fon-Fon e Jornal das Moças / Nathalia Paulino Oliveira. – 2014.

68 f. ; 30 cm.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia)–Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

Bibliografia: f. 65-68.

1. Educação feminina. 2. Práticas de leitura.  
3. Imprensa periódica feminina (séc. XX). 4. Imprensa periódica feminina (Rio de Janeiro). I. Título.

Nathalia Paulino Oliveira

**Mulheres cariocas e práticas de leitura nos anos de 1920: um estudo documental a partir das revistas Fon-Fon e Jornal das Moças**

**Trabalho de conclusão de curso apresentado à Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.**

**Orientador: Prof. Dr. Fabrício José Nascimento da Silveira**

Trabalho de conclusão de curso aprovado pela Banca Examinadora

Rio de Janeiro, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

---

Prof. Dr. Fabrício José Nascimento da Silveira - Orientador  
Escola de Biblioteconomia – UNIRIO

---

Prof<sup>a</sup>. MSc. Brisa Pozzi de Sousa  
Escola de Biblioteconomia – UNIRIO

---

Prof<sup>a</sup>. MSc. Daniela Fernanda Assis de Oliveira Spudeit  
Escola de Biblioteconomia - UNIRIO

Rio de Janeiro  
2014

Ao Deus da minha vida.

## AGRADECIMENTOS

Ao eterno, único, verdadeiro e maravilhoso Deus que me concedeu sua graça e sabedoria e guiou meus passos até aqui.

Aos meus pais, Gilvan e Ednela, por serem os melhores pais do mundo e referências para minha vida. Falta espaço para dedicar todos os agradecimentos que vocês merecem. Eu os amo incondicionalmente!

Aos meus irmãos, Débora e Nathan e minha "cunhada-irmã", Aline, por serem meus amigos e companheiros de todas as horas. Vocês são os melhores irmãos/amigos/cunhada no mundo todo! Amo vocês!

À Fundação Casa de Rui Barbosa e aos amigos da Biblioteca, os meus mais sinceros agradecimentos.

À minha querida chefe, Dilza Bastos, agradeço pelas sábias palavras, pelos conselhos que levarei para a minha vida e, principalmente, pelo apoio à pesquisa.

Aos irmãos da minha Igreja ADSU, pelas orações.

A minha Universidade, em especial à Escola de Biblioteconomia, e também aos mestres que, com o passar dos anos, se tornaram amigos.

Ao meu orientador, Fabrício Silveira, pelas leituras, pelas horas de dedicação, paciência e abdicção, por ser um exemplo de mestre.

A todos que, direta e indiretamente, colaboraram para a conclusão deste trabalho e àqueles que, no decorrer do curso, passaram pela minha vida e a marcaram de uma forma especial.

*“[...] é que esta criatura, adorável, divina, nem se pode explicar, nem se pode entender: Procura-se a mulher e encontra-se a menina, Quer-se ver a menina e encontra-se a mulher!”<sup>1</sup>*

---

<sup>1</sup>Trecho extraído do poema *Menina e Moça*, publicado na obra *Falenas* de Machado de Assis, 1870.

## RESUMO

A partir de uma análise da história da imprensa periódica no Brasil e no mundo, apresenta-se o contexto sócio-histórico que permitiu o aparecimento de revistas voltadas para o público feminino, analisando a relação desses veículos informacionais com práticas de leitura desenvolvidas pelas mulheres cariocas nos anos de 1920. Ao entender tais revistas como fontes históricas, investiga-se como as mesmas democratizaram o acesso da mulher à leitura. Para tanto, adota-se como *corpus* empírico as revistas femininas *Fon-Fon* e *Jornal das Moças* com o intuito de definir como estas “agiam em favor da educação e do lazer feminino”. Nesse sentido, delinea o perfil do Rio de Janeiro no período da *Belle Époque*, tendo-se em vista descrever o processo de socialização da mulher, suas possibilidades de interação com o espaço público e apontar como essas revistas se converteram em ferramenta auxiliar à formação intelectual da mulher carioca na década de vinte. Em termos metodológicos, o perfil da leitora preconizada por esses veículos foi apreendido tendo por referência os Estudos de Usuários e um exercício de identificação das necessidades e usos de informação associados à análise de práticas de leitura feminina das assinantes de *Fon-Fon* e do *Jornal das Moças*.

Palavras-chave: Práticas de leitura. Revista Feminina. Educação feminina. Revista Fon-Fon. Revista Jornal das Moças.



## ABSTRACT

From an analysis of the history of the press in Brazil and worldwide, discusses the historical and social context that allowed the emergence of journals aimed at a female audience by analyzing the relationship of these materials with feminine reading practices. By understanding such magazines as historical sources, we present how these democratized the access of women to read. We analyze the *corpus* of women's magazines *Fon-fon* and *Jornal das Moças*, during the 1920s, in order to define how they acted in favor of female education and leisure. In this sense, we outline the profile of Rio de Janeiro during the *Belle Époque*, describing the process of socialization of women and his interacting with public space. We describe thus the importance of women's magazine as an auxiliary tool to intellectual formation of the carioca women in the twenties. We define the profile of the reader through the perspective of the user study, identifying needs and uses of information associated with the analysis of practices of feminine reading of subscribers *Fon- Fon* and the *Jornal das Moças*.

Keywords: Reading practices. Women's Magazine. Female education. Fon-Fon Magazine. Jornal das Moças Magazine.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 -	Exemplares seleccionados das respectivas revistas por mês e ano de publicação	19
Imagem 1 -	Primeira Edição de Fon-Fon	31
Imagem 2 -	Primeiro editorial de Fon-Fon	32
Imagem 3 -	Anúncio da loja “A Notre Dame de Paris”	34
Imagem 4 -	Anúncio da Casa Raunier	35
Imagem 5 -	Anúncio do automóvel Chandler	36
Imagem 6 -	Seção “Bilhetes Postaes”	39
Imagem 7 -	Seção “Pelos Clubs”	39
Imagem 8 -	Suplemento humororístico “A Palmatória”	40
Quadro 2 -	Inserção da mulher na sociedade Brasileira (séculos XV e XX)	42
Imagem 9 -	Anúncio da Perfumaria Avenida	51
Imagem 10 -	Anúncio da Casa Guiomar	52
Imagem 11 -	Seção “Souvenirs”	53
Imagem 12 -	Seção “Frimousses et Binettes”	55
Imagem 13 -	Soneto de Menezes de Oliva	59
Imagem 14 -	Poesia “Borboletas”	60
Imagem 15 -	Seção “Petropolitanas”	61
Imagem 16 -	Seção “Chronica”	61

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1-	Periódicos femininos produzidos na região sudeste	14
Tabela 2-	Homens e mulheres por ocupação profissional	15
Tabela 3 -	Perfil das leitoras (usuárias) de Fon-Fon e Jornal das Moças	55

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>13</b>
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b>	<b>15</b>
<b>3 METODOLOGIA DA PESQUISA</b>	<b>18</b>
<b>4 HISTÓRIA DAS REVISTAS</b>	<b>22</b>
4.1 O SURGIMENTO DAS PRIMEIRAS REVISTAS	22
4.2. ALGUNS CONCEITOS DE REVISTA FEMININA	25
4.3 AS REVISTAS FEMININAS NO BRASIL	26
4.4 A IMPRENSA FEMININA CARIOCA DO SÉCULO XX: FON-FON E O JORNAL DAS MOÇAS	29
4.4.1 Fon-Fon!: semanario alegre, político, crítico e esfusiante	31
4.4.2 Jornal das Moças: a revista de maior penetração no lar	37
<b>5 MULHER E SOCIEDADE: DE CASA PARA A RUA</b>	<b>42</b>
5.1 O RIO DE JANEIRO NOS ANOS 20	43
5.2 UMA REMODELAGEM NA FAMÍLIA: NOVOS PAPÉIS FEMININOS	44
<b>6 MULHERES E LEITURA: O CONTEXTO EDUCACIONAL E AS PRÁTICAS DESENVOLVIDAS PARA E PELO PÚBLICO FEMININO NO BRASIL</b>	<b>46</b>
<b>7 A CADA LEITORA, SUA REVISTA: UMA ANÁLISE DAS PRÁTICAS DE LEITURA DAS ASSINANTES DE FON-FON E JORNAL DAS MOÇAS</b>	<b>50</b>
7.1 QUEM ERA A LEITORA DE FON-FON E DO JORNAL DAS MOÇAS?	50
7.2 CONSIDERAÇÕES ACERCA DO ESTUDO DE USUÁRIOS	55
7.3 CONCEITO DE ANÁLISE DOCUMENTAL	57
7.4 UMA ANÁLISE DAS PRÁTICAS DE LEITURA FEMININA ATRAVÉS DAS REVISTAS <i>FON-FON</i> E <i>JORNAL DAS MOÇAS</i>	58
<b>8 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>64</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>66</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A historicidade das revistas femininas no Rio de Janeiro aponta para um fato curioso: o conhecimento sobre esse tema ainda está pouco sistematizado no campo dos estudos biblioteconômicos, principalmente naquilo que se refere à análise documental acerca dos diferentes perfis de leitoras desse tipo de revistas no início do século XX. Sendo assim, a presente pesquisa levanta a seguinte questão: por que não analisar esses documentos sob a ótica da Biblioteconomia, valendo-se, para tanto, dos estudos de usuário e dos estudos de práticas de leitura?

Partindo de uma sistematização das pesquisas que abordam a imprensa feminina carioca, advindos, em sua maioria, da história e da literatura, constata-se uma inexpressiva contribuição da biblioteconomia acerca das tentativas de se compreender as práticas de leitura feminina no começo do século XX, associadas ao uso de determinados veículos de informação. Sendo assim, o presente trabalho se justifica enquanto ferramenta que visa ampliar, através da análise documental, o entendimento de como se davam os modos de ler do público de duas revistas específicas, a *Fon-Fon* e a *Jornal das Moças*, no período da *Belle Époque*<sup>2</sup> da capital fluminense.

Para tanto, apresenta-se, ao longo dos capítulos que se seguem, as razões pelas quais pode-se tratar os periódicos acima citados sob o enfoque da análise documental, bem como um levantamento histórico-bibliográfico das relações instituídas entre o público feminino e o universo da leitura. Nesses termos, o objetivo principal deste estudo pode ser sintetizado da seguinte maneira: entender os hábitos e práticas de leitura da mulher carioca na década de 1920 por meio de uma análise documental das revistas *Fon-Fon* e *Jornal das Moças*.

---

<sup>2</sup> Belle Époque é o termo utilizado após a I Guerra Mundial para definir o período de cultura cosmopolita na história da Europa (entre 1871 e 1914). A expressão também designa o clima intelectual e artístico vivido pela França no período em questão, em especial pela cidade de Paris. No Rio de Janeiro, a Belle Époque foi o período compreendido entre o fim do século XIX e as duas primeiras décadas do século XX, denotando um período de grande modernização urbana e do pensamento social, tomando como exemplo a cultura, a arquitetura art-nouveau, a moda e os hábitos de vida parisienses. Para maiores esclarecimentos sobre o tema, ver: ORTIZ, Renato. **Cultura e modernidade**: a França no século XIX. São Paulo: Brasiliense, 1991.

Como desdobramento, pretende-se, ainda, contextualizar social e historicamente os movimentos que propiciaram o surgimento de revistas voltadas especificamente para o público feminino e discutir como a imprensa periódica no Rio de Janeiro do começo do século XX, notadamente nos anos de 1920, promoveu uma democratização do acesso à leitura para as mulheres. Posteriormente, objetiva-se analisar as modificações que se dão a ver na relação da mulher com o universo da leitura e como sua inserção no mundo das letras alterou a percepção de suas possibilidades de atuação e inserção social.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Com os periódicos femininos, a imprensa dedicada a este público foi mostrando-se concretizada em diversos pontos do país, entretanto, na cidade do Rio de Janeiro, essas revistas tornaram-se um estrondoso fenômeno. Segundo dados do *Anuário Estatístico Brasileiro*, o Rio de Janeiro concentrava a maior parcela da publicação de periódicos na região sudeste, nos primeiros anos do século XX.

Tabela 1 – **Periódicos femininos produzidos na região sudeste**

<b>Espírito Santo</b>	<b>Minas Gerais</b>	<b>Rio de Janeiro</b>	<b>São Paulo</b>
<b>5,76%</b>	31,64%	35,4%	27,2%

Fonte: Anuário Estatístico do Brasil: 1908-1912. Rio de Janeiro: Directoria Geral de Estatística, v.1-3, 1916-1927.

Labarre (1981) justifica esse movimento de explosão de periódicos tendo como ponto de partida a revolução da imprensa iniciada em terras brasileiras na segunda metade do século XIX. Para o referido autor, esse fato não deve ser ignorado pela história do livro e aponta que a revolução da imprensa periódica só pôde ser viabilizada porque muitos leitores começaram a optar por jornais e/ou revistas, ao invés de livros propriamente ditos, sobretudo devido à sua rápida atualização e disseminação.

Preocupação com a atualidade da informação que acaba por validar o periódico feminino como documento (e objeto de estudo documental). Em termos conceituais, Guinchat e Menou (1994, p. 41) definem documento como “um objeto que fornece dados e informações, sendo portador de um caráter de suporte material do saber e de memória da humanidade”. Transpondo esse enunciado para o campo biblioteconômico, observa-se que o periódico feminino pode converter-se em instrumento de estudo de grande interesse para a área, bem como ser analisado por meio de variados enfoques, inclusive aqueles que visam compreender os processos de busca e uso, bem como as necessidades informacionais da mulher carioca no início do século XX.

Como um dos objetivos é entender a relação da mulher carioca do começo do século XX com os processos de busca e uso da informação, aplicar-se-á aqui, os princípios instituídos pelos estudos de uso e usuários de informação conforme sistematizado por Figueiredo (1994, p.65). Assim sendo, acredita-se que conhecer as necessidades informacionais desse público específico permitirá compreender como as mulheres cariocas se envolviam no processo de busca pela informação, bem como apreender quais eram as exigências oriundas da vida social, da vida doméstica, do saber às quais estavam sujeitas, reconstituindo, nestes termos, o perfil de leitora concebido pelos primeiros impressos destinado especialmente ao público feminino.

Para tanto, começamos por indicar que, segundo dados dos recenseamentos de 1900 e 1920, grande parte das mulheres brasileiras ainda ficava restrita ao ambiente doméstico, sendo pequeno o número de representantes dessa parcela populacional que possuía alguma ocupação fora do lar.

**Tabela 2 – Homens e mulheres por ocupação profissional**

	<b>Homens 20-24 anos</b>	<b>Mulheres 20-24 anos</b>
<b>Total</b>	2.384.460	2.608.679
<b>Empregados</b>	1.153.679	343.093
<b>Empregadores</b>	30.013	934

Fonte: Recenseamento Geral do Brazil, 1920.

Fato que também demarca a realidade das senhoras e senhoritas cariocas do início do século XX. Mesmo ante a modernização social, cultural, política e econômica da capital do país, as revistas destinadas ao belo sexo possuíam mais a função de distrair a leitora, através de contos, poesias e histórias ligeiras, enquanto os informes buscavam deixá-las atualizadas quanto aos assuntos de interesse social, como: economia doméstica, moda, trabalhos manuais, espetáculos, notas de eventos sociais, etc.

Além disso, não se deve desconsiderar o fato de que, no Rio de Janeiro, assim como em outros centros populacionais do país, a leitura desse tipo de publicação era privilégio de um grupo bastante reduzido, devido às condições



gerais de analfabetismo, ao baixo poder aquisitivo da população, e, principalmente, à dificuldade da mulher em obter acesso à educação equiparada àquela que era oferecida aos homens.

Contudo, dois fatores serviram de alavanca para inserção da mulher no universo da leitura: a prática da leitura de romances em voz alta em reuniões sociais e a criação de salões de leitura. Foi graças à veiculação de trechos desses romances nas revistas que a imprensa começou a conquistar e formar um público composto por senhoras e senhoritas, isto posto, a partir da maior abertura da sociedade à figura feminina, o periódico destinado ao belo sexo passou a se dirigir e a se colocar a serviço do mesmo (CARVALHO, 1995). O periódico destinado a esse público passa, então, a se preocupar em atender às necessidades intelectuais da mulher, além, é claro, da primeira função deste tipo de material: oferecer entretenimento pertinente aos interesses das senhoras da sociedade.

Sob a ótica dos estudos relacionados aos hábitos de leitura, nota-se que a publicação procurada pela mulher não era apenas aquela que oferecia informação e entretenimento; as senhoras cariocas procuravam por publicações que representassem seus grupos sociais. Nesse sentido, o que diferenciava este tipo de material das demais revistas de variedades era a abordagem essencialmente feminina, mesmo que a maior parte desses periódicos continuasse a ser editada por homens. Apenas algumas publicações possuíam mulheres em seu corpo editorial. Isso acontecia apenas em revistas portadoras de um engajamento político e reacionário aos padrões da sociedade da época.

Conjuntura que, de acordo com as finalidades desse trabalho, nos impele a olhar para a revista em si e também para todo o contexto social e histórico no qual se insere. Mas como fazer isso? Esclareceremos as diretrizes operacionais e metodológicas que sustentarão nossas análises no tópico abaixo.

### 3 METODOLOGIA DA PESQUISA

A partir de uma revisão bibliográfica e documental descritiva sobre estudos de usuário em Figueiredo (1994) pretende-se analisar a situação da mulher carioca enquanto usuária da informação no contexto da década de 1920, focalizando como as revistas *Fon-Fon* e *Jornal das Moças* criavam estratégias e conteúdos para se inserirem e se relacionarem diretamente com esse público específico.

Em termos de amostragem, o estudo empírico se restringirá à coleção de periódicos históricos da Fundação Casa de Rui Barbosa e da Biblioteca Nacional. A escolha dos periódicos levou em consideração o fato das revistas *Jornal das Moças* e *Fon-Fon* serem avaliadas como dispositivos representativos dentro da história da imprensa feminina brasileira, uma vez que são publicações pioneiras nesse segmento e por servirem de modelo editorial para suas sucessoras. Outro critério que influenciou nossa escolha liga-se ao “tempo de vida” das duas revistas, uma vez que tanto o *Jornal das Moças* quanto a *Fon-Fon* foram publicadas por mais de 30 anos, abrangendo diferentes e importantes períodos da história nacional.

Com relação à delimitação do marco temporal - os anos de 1920 – esclarece-se que o mesmo foi definido a partir de três grandes fatores históricos: a década de 1920 é considerada o período áureo da história do Rio de Janeiro, sobretudo em função das reformas urbanas levadas a cabo pelo prefeito Pereira Passos nos anos iniciais do século XX. Outro fator importante para a delimitação do período foi a Semana de Arte Moderna de 1922, que marcou o início do modernismo no Brasil. Por último, há a crise econômica de 1929 que, apesar de ter se iniciado nos Estados Unidos, repercutiu também na economia brasileira, afetando decisivamente as diretrizes políticas, culturais e sociais que aqui vigoravam, inclusive àquelas ligadas ao universo feminino e das revistas femininas.

Considerando a impossibilidade de analisar a totalidade dos periódicos, procurou-se extrair uma amostra significativa dentro da totalidade de números publicados na década de 1920. Ao todo, foram publicados entre os anos de 1920 e 1929, 498 exemplares do *Jornal das Moças* e 515 exemplares de *Fon-*

*Fon*. A amostra foi elaborada mediante a escolha de cinco exemplares por ano, contemplando o primeiro e o segundo semestre de cada ano, sendo três exemplares do primeiro semestre e dois do segundo, invertendo-se no ano seguinte, conforme disposto no quadro abaixo. Tal medida pretendeu oferecer um olhar sobre as publicações ao longo do ano, com a finalidade de identificar possíveis mudanças ou permanências tanto no formato quanto no conteúdo das edições.

**Quadro 1 – Exemplares selecionados das respectivas revistas por mês e ano de publicação**

<b>Ano</b>	<b>Jornal das Moças</b>					<b>Fon-Fon</b>				
<b>1920</b>	Jan.	Fev.	Mar.	Jul.	Out.	Jan.	Fev.	Mar.	Jul.	Out.
<b>1921</b>	Abr.	Mai.	Ago.	Set.	dez.	Abr.	Mai.	Ago.	Set.	dez.
<b>1922</b>	Jan.	Mar.	Jun.	Out.	nov	Jan.	Mar.	Jun.	Out.	Nov
<b>1923</b>	Fev.	Abr.	Jul.	Set.	Dez.	Fev.	Abr.	Jul.	Set.	Dez.
<b>1924</b>	Jan.	Fev.	Mar.	Nov.	Dez.	Jan.	Fev.	Mar.	Nov.	Dez.
<b>1925</b>	Jan.	Fev.	Abr.	Ago.	Set.	Jan.	Fev.	Abr.	Ago.	Set.
<b>1926</b>	Abr.	Mai.	Jun.	Nov.	Dez.	Abr.	Mai.	Jun.	Nov.	Dez.
<b>1927</b>	Jan.	Fev.	Ago.	Set.	Out.	Jan.	Fev.	Ago.	Set.	Out.
<b>1928</b>	Mar.	Mai.	Jun.	Jul.	Out	Mar.	Mai.	Jun.	Jul.	Out
<b>1929</b>	Mar.	Jun.	Ago.	Set.	Dez.	Mar.	Jun.	Ago.	Set.	Dez.

Fonte: Os autores

No intuito de complementar e sedimentar as análises, efetuou-se pesquisas em censos e anuários estatísticos da época visando-se reconstituir a situação demográfica do Rio de Janeiro no período aqui abordado. Conferiu-se especial atenção aos índices de alfabetização da população e aos dados que indicam a presença de mulheres em instituições de ensino (secundário, profissionalizante e superior) e em postos de trabalho. Essa estratégia permitiu definir melhor o perfil de público previsto pelas revistas em questão.

Mediante o estudo documental, efetuou-se a comparação dos dados coletados na pesquisa com a literatura formalizada sobre o tema, procurando construir o perfil da mulher inscrita no universo das práticas de leitura no Rio de Janeiro do início do século passado. Essa etapa da pesquisa teve por base os

estudos de Araújo (1993) sobre identidade cultural carioca e sobre o papel social da mulher no período da República Velha. Para entender os caminhos que permitiram o acesso da mulher à leitura, recorreu-se aos trabalhos de Perrot (2007), especialmente aqueles que tratam da história das mulheres no Ocidente. Tais informações foram complementadas com os estudos sobre a história das mulheres no Brasil em Del Pryore (2000) e Pinsky e Pedro (2012), e também a partir das análises empreendidas por Santos e Monteiro (2005) acerca das representações da mulher nos estudos literários.

No que concerne aos estudos sobre a imprensa no Brasil, descreveu-se a especificidade dos periódicos femininos e sua historicidade adotando por referência as análises consolidadas por Buitoni (1986; 2009), Scalzo (2011), Oliveira, Velloso e Lins (2010) e Sodré (1999).

A partir dessas disposições e de um exame prévio dos dois periódicos que se configuram como objetivo empírico da presente pesquisa, processou-se uma categorização dos mesmos segundo os princípios teóricos dos estudos de usuários e uso de informação identificados de maneira corrente na literatura biblioteconômica, tendo-se em vista apreender os seguintes elementos contextuais:

#### **Quanto ao documento**

- Conhecer sua natureza;
- Definir sua inserção no contexto histórico, social e cultural do Rio de Janeiro nos anos de 1920;
- Identificar seus aspectos físicos e temáticos.

#### **Quanto às leitoras**

- Analisar os contextos sociais, culturais e históricos que viabilizaram a inserção da mulher no universo da leitura e da informação;
- Identificar qual o papel/o lugar da mulher no contexto social, político e cultural no período da *belle époque* carioca;
- Definir, mediante análise da literatura e análise documental, o perfil da leitora de *Fon-Fon* e do *Jornal das Moças*, bem como os possíveis hábitos de leituras das senhoras e senhoritas cariocas no período coberto pela pesquisa.

Por fim, os dados coletados foram submetidos a uma análise comparada com outros estudos já efetuados no âmbito da história da leitura no ocidente, sobretudo a partir da coletânea de trabalhos organizada por Cavallo e Chartier (1999), bem como aqueles apresentados por Bourdieu (1976) e Manguel (1997), que defendem que a leitura é uma prática cultural. Estabeleceu-se, também, um diálogo com trabalhos ligados à análise das práticas de leitura feminina, notadamente os que foram publicados por Heller (2006) e Lyons (1987; 1999). O intuito aqui era avaliar as consonâncias e dissonâncias que o contexto carioca apresenta em relação aos enquadramentos internacionais.

## 4 HISTÓRIA DAS REVISTAS

Desde seu surgimento, a modalidade midiática definida como “revista” já carregava em si o conceito de variedades, uma vez que abordava em cada edição variados assuntos, ainda que sobre um mesmo tema. Não há neste trabalho a pretensão de compor um histórico detalhado sobre a origem das revistas, porém, pretende-se apresentar como, onde e quando surgiram as primeiras edições e em qual contexto os periódicos femininos se desenvolvem, tanto a nível internacional quanto nacional.

### 4.1 O SURGIMENTO DAS PRIMEIRAS REVISTAS

Segundo apontado por Scalzo (2011) a primeira revista de que se tem registro foi publicada em Hamburgo, na Alemanha, no ano de 1663. Criada pelo teólogo Johann Rist, a revista era basicamente uma sequência de artigos sobre um mesmo assunto, reunidos sob o título de *Edificantes Discussões Mensais*<sup>3</sup> e circulou até o ano de 1668. A autora ainda aponta que essa publicação possuía características semelhantes às de um livro, entretanto, pode ser considerada como uma revista porque traz em seu conteúdo uma série de artigos sobre um mesmo assunto e também por ser destinada a um público específico, neste caso, teólogos e leitores abastados de Hamburgo.

Contando com grande aceitação, a revista foi copiada em outros países da Europa. Em 1665 surgem a francesa *Jornal dos Sábios* e a inglesa *Transações Filosóficas*. Posteriormente, em 1668, surge, na Itália, o *Jornal dos Literatos*.

Criando uma nova tendência, emergiu na França, no ano de 1672, a ideia de se abordar diferentes temas em uma só revista. Tem início, então, a revista multitemática *Mercúrio Galante*, que apresentava em suas páginas poesia, notícias curtas, crônicas sobre a Corte e anedotas. Mas a primeira revista a possuir feições semelhantes às publicações atuais veio à luz em Londres, no ano de 1731, sob o título *Revista do Cavalheiro*<sup>4</sup>. É nessa data e a

---

<sup>3</sup> O título original da revista em alemão é *Erbauliche Monats-Unterredungen*, traduzido como *Edificantes Discussões Mensais*

<sup>4</sup> Título original *The Gentleman's Magazine*

partir dessa revista que se registra o termo *magazine*, conceito que passou a referenciar o nome revista tanto em inglês quanto em francês.

Conforme apontado por Buitoni (2009), o periódico feminino só foi criado trinta anos após a publicação da primeira revista. O pioneiro neste tipo de periódico foi a *Mercúrio das Senhoras*<sup>5</sup>, editada na Grã-Bretanha em fevereiro de 1693. Nela já existia a presença do consultório sentimental, uma das marcas registradas deste tipo de publicação. Buitoni (2009, p.29) relaciona o surgimento das revistas femininas aos seguintes fatores:

[...] Provavelmente o surgimento de jornais ou revistas femininas estava relacionado com a ampliação dos papéis femininos tradicionais, circunscritos até então ao lar ou ao convento. E também com a evolução do capitalismo, que implicava novas necessidades a serem satisfeitas.

Por sua vez, Scalzo (2003) aponta a importância do contexto em que as revistas começaram a se estruturar e a ganharem espaço, não apenas na Europa, mas também nos Estados Unidos. Segundo a autora:

[...] Ao longo do século XIX, a revista ganhou espaço, virou e ditou moda. Principalmente na Europa e também nos Estados Unidos. Com o aumento dos índices de escolarização, havia uma população alfabetizada que queria ler e se instruir, mas não se interessava pela profundidade dos livros, ainda visto como pouco acessíveis. (SCALZO, 2003, p. 20).

Assim como provocaria mudanças no âmbito cultural e social, a modernidade advinda da primeira revolução industrial começou a influir nos meios de produção. Neste contexto, há um grande avanço técnico nas gráficas, o que possibilitou um aprimoramento das publicações que passaram a ter maior tiragem e qualidade superior, também marcas registradas da revista. Com o aumento da tiragem de exemplares, um público maior foi alcançado, o que consequentemente atraiu anunciantes de serviços e produtos. Os anúncios tiveram um papel importantíssimo na difusão das revistas, já que com a ajuda financeira dos anunciantes as publicações puderam reduzir seus preços e atrair mais leitores.

---

<sup>5</sup> The Lady's Mercury era o título original em inglês

Outro fator que pode servir como justificativa para a popularização das revistas consiste no fato destas tratarem de temas mais leves, seguindo um viés mais educativo e cultural. Segundo Buitoni (2009, p. 30), “as revistas da segunda metade do século XVIII não se distanciaram muito deste princípio, tratando apenas de temas literários em suas páginas”, outros assuntos passaram a ser abordados somente a partir de 1774.

Posteriormente surge nos Estados Unidos o *American Magazine*, um dos primeiros periódicos dedicado exclusivamente ao público feminino, todavia, a revista que alcançou maior inserção entre as leitoras desse período foi a *Ladies' Magazine*, de 1828. A revista tinha a peculiaridade de ser feita por uma mulher<sup>6</sup>, Sara Hale, uma ativista que defendia os direitos de suas companheiras de sexo. Ainda de acordo com Buitoni, Sara Hale foi uma ferrenha defensora do acesso à educação por parte das mulheres, como o mais essencial de todos os direitos. A filosofia editorial de Sara se baseava em três pilares: entretenimento, esclarecimento e serviço.

A partir desses três conceitos, Sara Hale pretendia formatar uma publicação que quebrasse com o padrão das revistas femininas estabelecido até então: temas mundanos, porém sem abordar temas mais pesados como ciências e política, que eram peculiares ao universo de socialização masculina. Dessa forma as publicações destinadas às mulheres apresentavam em suas páginas temas alheios à realidade dos fatos e acontecimentos sociais e políticos. Entretanto, as revistas projetadas após esse período ainda mantiveram-se tributárias dessa mesma filosofia, reproduzindo, inclusive, a mesma tipografia dos livros em circulação até o ano de 1842. Quebrando com essa tradição, surge em Londres uma publicação revolucionária, que ainda nos dias atuais serve como modelo para os periódicos femininos, trata-se da *Illustrated London News*, uma publicação de 16 páginas de texto e 32 de gravuras, que reproduziam os acontecimentos da época na forma de desenho (SCALZO, 2003).

Segundo Buitoni (2009, p. 7), numa visão geral, “é o sexo do público o grande definidor da natureza da revista”, assim sendo, a imprensa feminina é

---

<sup>6</sup> A maioria dos periódicos dedicados ao público feminino era escrita e editada por homens.



um conceito sexuado. É a mulher quem compõe a caracterização da imprensa feminina, não só como receptora, mas também como produtora.

Sendo assim, e a fim de entender a natureza dos objetos de estudo, serão abordados, nas próximas seções, alguns conceitos de revista feminina encontrados na literatura.

#### 4.2. ALGUNS CONCEITOS DE REVISTA FEMININA

Como definir o que é uma revista feminina? Para entender de fato o que tais veículos comunicacionais são e sua importância sócio-cultural, deve-se deixar de lado o conceito corrente segundo o qual as revistas femininas são um tipo de periódico dedicado às mulheres, estando, por isso, ligado ao *jornalismo de futilidade*, cujo objetivo central seria entreter com lazer e frivolidades moças e senhoras das mais distintas idades e faixas estarias, priorizando, para tanto, conteúdos ligados à moda, culinária, fofocas ou conselhos práticos do cotidiano. Para além disso, conforme nos lembra Nahes (2007, p. 72), os periódicos femininos “possuem uma função ideológica”, seja para representar determinado posicionamento político da empresa que o representa, ou até mesmo as ideologias de um Estado regulador.

Partindo dessa premissa e das análises feitas no decorrer da presente pesquisa, pode-se inferir e conjecturar que essa acepção dada a tais revistas traz em seu bojo uma referência ideológica claramente definida: a proposição de que o periódico feminino oferece em suas páginas padrões idealizados de comportamento para determinados grupos de leitoras/consumidoras, servindo, assim de veículo para novas ideias, hábitos, costumes e práticas de engajamento político que propõem modelos de formação da mulher-leitora no decorrer dos anos.

Não por acaso, diferente do conceito de imprensa geral, onde o elemento definidor é a atualidade das notícias, o debate, a análise dos fatos, a objetividade, a imprensa voltada ao público feminino define-se como jornalismo de amenidades e entretenimento, muitas vezes ligado à regra principal de oferecer modelos de consumo ou comportamento. É isso que aponta Bonvoison e Maignien (1986, p. 5), ao afirmarem que, “l’une des fonctions

principales de la presse féminine est de proposer des modeles culturels et des modes de vie parce qu'elle incite ses lectrices à choisir des biens de consommations et façonne ainsi leurs besoins<sup>7</sup>".

No que concerne à natureza de seu público, o periódico feminino pode ser inserido na categoria de jornalismo especializado, opondo-se à imprensa geral, já que esta, segundo Nahes (2007, p. 76), "visa ao conjunto do público sem grandes distinções de sexo, classe ou atividade".

Complementando essas duas proposições, Roland E. Wolseley (1972 apud: Nahes, 2007), ressalta que as revistas podem ser separadas em dois grupos: *para consumidores* (ou de interesse geral), e *especializada*. Entretanto, Buitoni (1990) mostra-se contrária a esta categorização da imprensa feminina como especializada e argumenta que:

Imprensa de interesse geral, imprensa de público especializado, imprensa de assunto especializado, nenhuma definição é adequada ao tipo de mídia que ora analisamos. Interesse geral não seria, embora homens também sejam leitores de veículos femininos. Mulheres não constituem um público especializado; além disso, não dá para falar em especialização de assunto, porque a gama possível de matérias é muito grande. (BUITONI, 1990, p.15).

Evelyne Sullerot (1963, apud: Nahes, 2007), classifica como periódico feminino todos quantos se proclamam destinados à clientela feminina, sendo concebidos objetivando alcançar esse nicho comercial.

Destarte, partindo dessa disputa conceitual, pode-se definir imprensa feminina como aquele conjunto de publicações dirigido e pensado para mulheres, caso em que se enquadram nossos objetos de análise, as revistas *Fon-Fon* e *Jornal das Moças*.

#### 4.3 AS REVISTAS FEMININAS NO BRASIL

No Brasil, a história da imprensa feminina inicia-se no século XIX. Tal demora deve-se a ausência de uma imprensa oficial até a chegada da Corte Portuguesa ao Brasil. Em consequência disso, segundo Bessone (2005), o

---

<sup>7</sup> Uma das principais funções das revistas femininas é fornecer modelos culturais e estilos de vida, porque incentiva seus leitores a escolher bens de consumo moldando suas necessidades. (tradução nossa)

surgimento da imprensa feminina foi reflexo de profundas mudanças vividas pela sociedade, sobretudo aquele que se constituiu ao redor da estrutura gerencial implementada a partir da vinda da Família Real para as terras coloniais. De fato, com a chegada da família real ao Brasil, as áreas urbanas começam a ser moldadas, distanciando-se cada vez mais dos padrões provincianos. Surgem ferrovias, novos portos para atender às demandas de navios de importação e exportação, entre outras demandas que visavam facilitar a vida do contingente populacional que emigrou junto com a corte.

Sendo assim, para a maior parte do contingente populacional da antiga colônia, a Corte passa a ser referencial de como se proceder e como se vestir, com isso, tendências da moda europeia eram copiadas pelas mulheres brasileiras, principalmente por aquelas que viviam da cidade do Rio de Janeiro. Nesse contexto, o século XIX marcou o início da extraordinária jornada dos periódicos femininos em território nacional.

O primeiro periódico dedicado ao público feminino a circular na nova capital do Império foi, provavelmente, *O Espelho Diamantino*, de 1827, uma publicação quinzenal que teve 14 edições. Como apresentado pelo próprio subtítulo da revista: “*Periódico de política, literatura, belas artes, teatro e moda dedicado às senhoras brasileiras*”, o mesmo trazia em seu conteúdo textos leves sobre temas mundanos, trechos de romances estrangeiros, críticas de literatura, música, artes e dicas de moda. O periódico tinha um cunho didático e se propunha, segundo Scalzo (2003, p.28), a deixar a mulher “à *altura da civilização e dos seus progressos*”. Todavia, como aconteceu com muitas outras revistas da época, *O Espelho Diamantino* teve curta duração devido à falta de assinantes, subscritores e anunciantes.

O periódico feminino mais constante deste período foi o carioca *Correio das Modas*, editado pelos irmãos Laemmert, que durou de 1838 a 1841. Saía aos sábados e abordava em suas páginas moda, literatura, bailes e teatro, possuía, ainda, ilustrações pintadas à mão de figurinos vindos da Europa. A continuação do *Correio das Modas* surgiu em 1843, com o título de *O Espelho Fluminense*, apresentando em suas páginas artigos sobre moda, literatura, anedotas e charadas.

Apesar da plena efervescência na capital do Império, as revistas femininas também se expandiram pelas demais províncias e pelo interior do Brasil, onde surgiram periódicos bastante significativos. Pode-se citar como título de grande importância o *Espelho das Brasileiras*, lançado em 1831 no Recife. Com duas edições semanais, o mesmo tratava de assuntos ligados à moda, literatura e variedades. Segundo anúncio publicado no *Diário Pernambucano* dias antes do lançamento da revista, o *Espelho das Brasileiras* pretendia:

contribuir para a instrução de suas compatriotas, espera que as pessoas sensatas, longe de admitirem as objeções fúteis dos inimigos da civilização, auxiliarão seus esforços, promovendo no seio de suas famílias a leitura desta folha, cujo único fim é oferecer às senhoras exemplares capazes de desenvolver seus talentos e lhes inspirar o amor de seus deveres. (Diário Pernambucano, maio, 1831)

Como o país passava por constantes mudanças e transformações, era comum o surgimento de novos periódicos toda semana, porém a maioria não ultrapassava 5 ou 6 números, alguns extinguiram-se no segundo ou terceiro volume. Todavia, a partir da década de 1840, a imprensa começou a se estabilizar e a indústria gráfica tornou-se mais apurada, com isso, os periódicos passaram a apresentar belas e elaboradas ilustrações em suas páginas, e, já no começo da década de 1850, começaram a surgir revistas com um período de vida maior, alguns deles circularam até o início do século XX.

Buitoni (2009) cita como exemplo de revistas femininas publicadas no Rio de Janeiro que seguiam essa nova tendência da indústria gráfica, os seguintes títulos: *Jornal das Senhoras* (1852), que deixa de ser publicado em 1855; *O Jornal das Famílias* (1863), que teve como colaborador Machado de Assis; *O Sexo Feminino* (1875-1877), que possuía a particularidade de ter uma mulher como redatora e proprietária – Francisca Senhorinha da Mota Diniz – e ficou conhecida como uma revista que defendia em suas páginas a emancipação feminina. Há, ainda, a revista *Estação* (1879), que, apesar de ser apresentada como um jornal ilustrado para a família, era basicamente uma revista de moda com moldes de figurinos e bordados, entremeados por textos

de Machados de Assis, nela o escritor publicou *Quincas Borba*<sup>8</sup>. Este foi um dos poucos periódicos que sobreviveu até o período republicano, tendo sido publicado até 1904

Mesmo apresentando curto período de vida, os primeiros periódicos femininos do século XIX não deixaram de exercer uma forte influência sobre as revistas que surgiram posteriormente. Foi a partir deles, portanto, que a imprensa dedicada ao público feminino pode se concretizar em diversos pontos do país. Nesses termos, o ano de 1900, além de marcar as vésperas do nascimento de um novo século, determinou um novo panorama na história da imprensa, modificando radicalmente os padrões do sistema de comunicação.

As revistas proporcionaram uma mudança radical no acesso da população à informação, uma vez que apresentavam em suas páginas um discurso ágil, correlacionado com ilustrações e outras imagens do cotidiano, estratégias que se instituíram como um convite sedutor à leitura e que fizeram a fama de muitos periódicos que ganharam vida já nas primeiras décadas dos anos de 1920, como é o caso das revistas *Jornal das Moças* e *Fon-Fon*, cuja historicidade será apresentada a seguir.

#### 4.4 A IMPRENSA FEMININA CARIOCA DO SÉCULO XX: FON-FON E O JORNAL DAS MOÇAS

O ano de 1900, além de marcar as vésperas do nascimento de um novo século, determinou uma guinada no panorama histórico da imprensa brasileira, sobretudo a periódica, modificando radicalmente os padrões do sistema de produção e comunicação. Sodré (1999) afirma que, no século XX, a imprensa brasileira viveu o ápice de seu desenvolvimento, tornando-se uma “grande empresa”. Para o referido autor, a história da imprensa se entrelaça com o desenvolvimento da sociedade capitalista, razão pela qual afirma que:

[...] Governada em suas operações, pelas regras gerais da ordem capitalista, particularmente em suas técnicas de produção e de circulação – tudo conduz à uniformidade, tanto pela universalização

---

<sup>8</sup> Machado de Assis inicia a publicação de *Quincas Borba* em 15 de junho de 1886 e termina em 15 de setembro de 1891.

de valores éticos, culturais, como pela padronização do comportamento[...] (1999, p. 1-2)

É nesse contexto, pois, que germina a dita imprensa de variedades, onde se insere a imprensa feminina. Segundo Sodré, a imprensa não mais caminha para a autonomia de ideias ou crítica política e social, mas sim para uma alienação ideológica. Desse modo, as revistas que surgiram no século XX tendo como meta alcançar o público feminino, não possuíam a intenção primeira de despertar em suas leitoras o interesse por temas ditos “sérios” como política, ciências ou economia, mas, sim, oferecer um conteúdo “leve”, pouco preocupado com as relações de poder e saber.

Mesmo ante as modificações sociais do novo século, que possibilitaram o início de uma abertura da sociedade para a mulher, as revistas ainda estavam carregadas de ideologias disciplinadoras, cujos conteúdos limitavam o acesso às informações e, até mesmo, aos produtos considerados “úteis” e pertencentes ao universo feminino.

À parte isso, é importante apontar que, mesmo estando intimamente ligadas às ideologias capitalistas e reguladoras, é inegável que as revistas proporcionaram uma mudança radical no acesso da população - especialmente da mulher - à informação. Com a reinvenção da imprensa no século XX, os periódicos, que até o século XIX agiam como uma alternativa ao livro -- veiculando a informação de forma rápida e atual – passaram a assumir a função de tecnologia pedagógica, “ensinando” seus leitores através de páginas recheadas de ilustrações, conselhos práticos, charadas, sonetos, crônicas e, até mesmo, novelas.

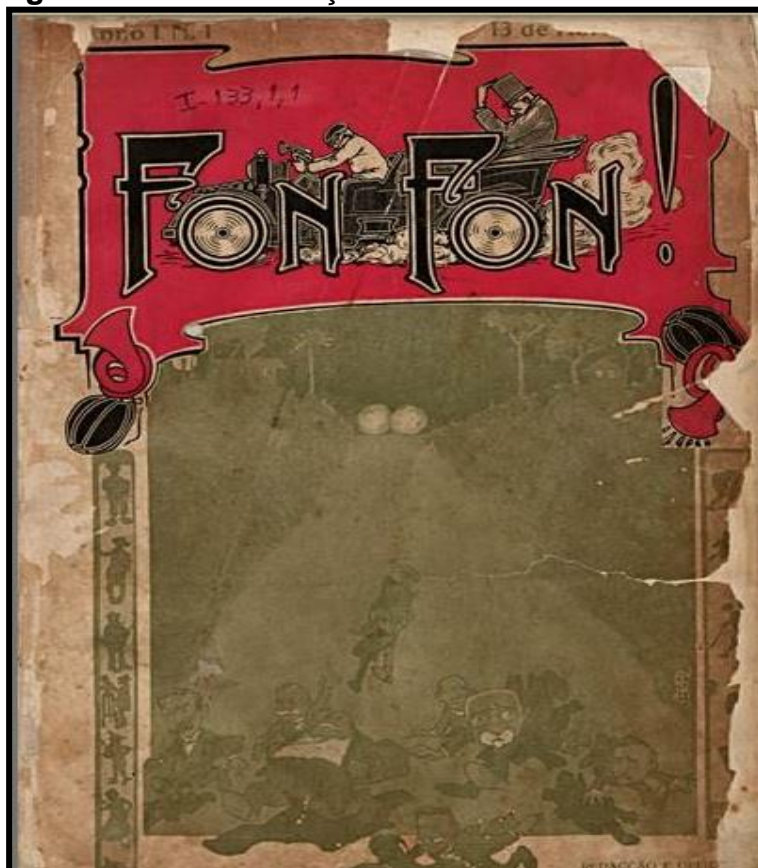
Com isso, as revistas inseriram-se de vez na paisagem urbana da capital do país, agora não mais influenciadas pelos gostos e clichês oriundos da corte, mas sim pelos ares republicanos e modernizantes impingidos pelas reformas de Pereira Passos. Dentre os vários títulos que surgiram e circularam nesse período, abordaremos de maneira mais detida as revistas *Fon-Fon* e *Jornal das Moças*, duas das revistas de maior representatividade na história da imprensa feminina nacional, uma vez que, além do grande período que circularam, são consideradas as pioneiras na implementação de várias estratégias

comunicacionais que ainda hoje marcam, sobremaneira, esse segmento midiático.

#### 4.4.1 Fon-Fon!: semanário alegre, político, crítico e esfusiante<sup>9</sup>

Esse foi o *slogan* utilizado pela revista *Fon-Fon* para se apresentar, em sua primeira edição, aos seus leitores, melhor dizendo, às suas leitoras. Com trocadilhos e metáforas, os editores comparavam a revista a um automóvel, destacando as qualidades de um semanário novo que, pela própria onomatopeia do título, buzina a modernidade para a capital que se desenvolvia vertiginosamente.

**Figura 1 - Primeira Edição**



Fonte: Revista Fon-Fon, n. 01, abril, 1907.

**Figura 2 – Primeiro Editorial de Fon-Fon**

<sup>9</sup> Optamos por manter a grafia original do título da revista. O mesmo foi extraído da capa do primeiro número, publicado no ano de 1907.

**FON-FON!**

SEMAMARIO ALEGRE, POLITICO, CRITICO E ESYUSIANTE.  
*Noticiario Avariado, Telegraphia sem Armas, Chronica Epidemica*

Tiragem: 100.000 Kilometros, por ora.  
 Colaboração de graça, isto é, de Espírito.

AVULSO	ASSINATURA ANUAL
Capital . . . . . rs. 400	Capital . . . . . 20\$000
Estados . . . . . rs. 500	Estados . . . . . 22\$000

**FREGUEZIA:**

galta dos velhos hábitos e dos velhos costumes, com o comentário leve as cousas de actualidade.

Em todo o caso, isto já é um programma, facilmente, facil de cumprir, muito mais facil do que qualquer outro, com considerações a attender e preoccupações a respeitar.

Para os graves problemas da vida, para a mascarada Política, para a sinderz conselheiral das Finanças e da intrincada complicação dos Principios Sociais, cá temos a resposta própria: aperta-se a "sirene", e... "Fon-Fon!", "Fon-Fon!".

Se a coisa for grave de mais, com lições de Philosophia, com dogmas de ensinamentos, aperta-se demoradamente a "sirene", e ella responderá por nós, profunda e lamentosamente: "Fô... ôô. Fô... ôô. Fô... ôô".

E prompto. Não haverá assumpto mais sobrecasaca preta, mais cartola, mais Instituto Historico, que resista á ferina expressão desta "sirene" bohemica.

Assim, leitor amigo, cá estamos nós promptos para o successo e... para a gloria.

**POUCAS**  
 palavras apenas, á guisa de apresentação.

Uma pequena... "corrida", sem grandes dispendios de "pistola", nem excessos de velocidade.

Para um jornal agil e leve como o FON-FON!, não pôde haver programma determinado (leviamos dizer distancia marcada).

Queremos fazer rir, alegrar a tua boa alma carinhosa, amado povo brasileiro, com a pilheria fina e a troça educada, com a glôza inoffensiva e

Fonte: Revista Fon-Fon, n. 01, abril, 1907.

No que diz respeito à tipologia documental, *Fon-Fon* foi um magazine destinado ao público feminino, com periodicidade semanal e que se intitulava "uma revista literária e ilustrada". De vida bastante longa dentro do contexto da história da imprensa feminina no Brasil – circulou de abril de 1907 a agosto de 1958 – foi fundada por Mário Pederneiras, Gonzaga Duque e Lima Campos.



Sua sede localizava-se na Rua da Assembleia, número 62, hoje Rua República do Peru, 63, possuindo, também, sucursais em São Paulo, Londres e Paris.

Em termos de público, é importante ressaltar que, em seus dois anos iniciais, Fon-Fon era direcionada ao público masculino, haja vista a organização da revista e o conteúdo de algumas seções, tais como *Cabeça de Turco*, *Cova de cacos* (onde se debatia um pouco de política), *Moscas*, além de comentários sobre esportes. Nos anos seguintes, Fon-Fon começou a ampliar seu alcance, passando a priorizar o contato com o público feminino, guinada que se concretizou efetivamente na década de 1920, quando o periódico adquiriu um caráter eminentemente de revista feminina. Aspecto que pôde ser constatado após a análise de cinquenta exemplares, onde apreendemos uma numerosa presença de propagandas de produtos femininos, mercadorias para o lar, roupas femininas e infantis, artigos de beleza, além das seções dedicadas a eventos sociais, conselhos de moda e beleza, dicas de cuidados domésticos, bem como comentários sobre teatro, cinema, bailes e salões.

A Fon-Fon era comercializada a 400 réis<sup>10</sup> o exemplar avulso, na capital, e 500 réis nos demais estados, o que nos permite caracterizá-la como um produto consumido pela elite, constatação não ressaltada apenas com base em seu preço, mas também nos conteúdos veiculados em suas páginas. Quanto a esse aspecto, Nahes afirma que a Fon-Fon era:

[...] Possuidora de uma característica acentuadamente elitista, comum aos grandes magazines de informação da época, essa característica reside em sua natureza seletiva e temática, pois, mesmo sendo endereçada a um público variável e exclusivamente feminino, ou seja, burguesia e classe média, ela ainda estava impregnada pelo elitismo cultural que marca a imprensa do século XIX. (2007, p. 103-104).

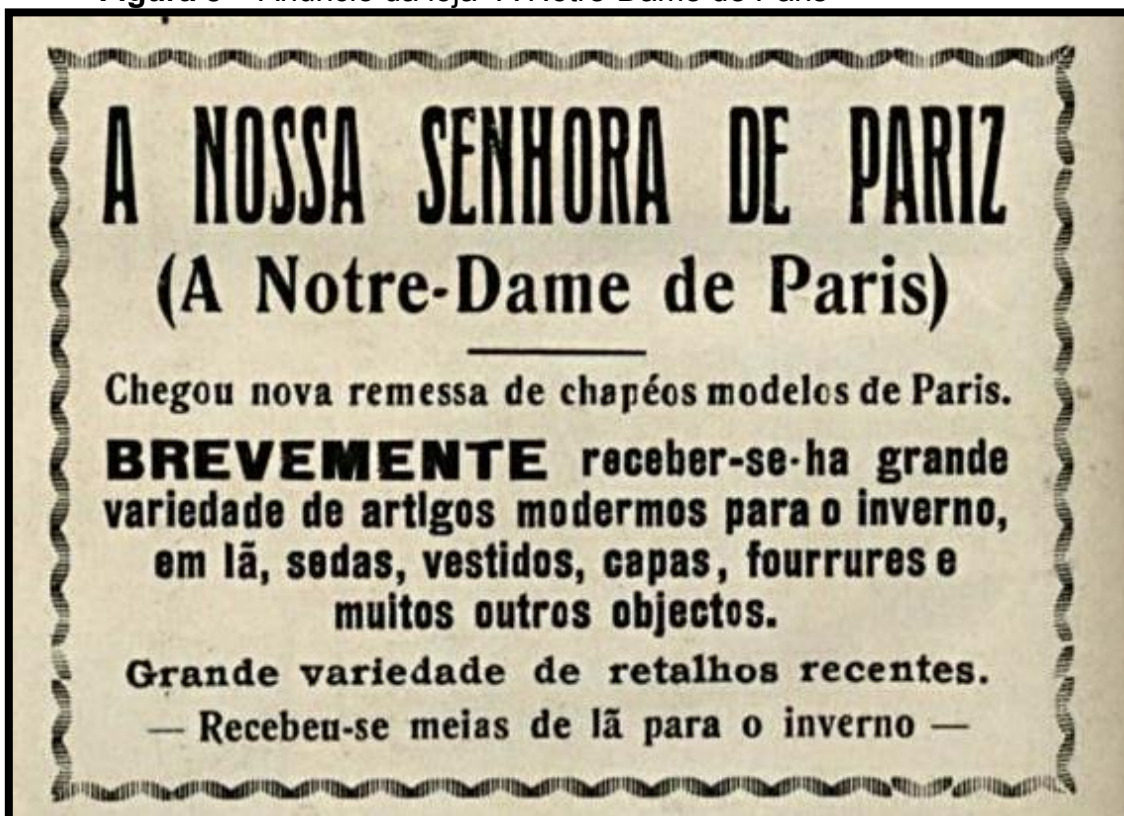
Assim como muitas revistas do período denominado entreguerras, a superficialidade e o mundanismo eram as características mais acentuadas do conteúdo de Fon-Fon. A revista preocupava-se mais em trazer, semanalmente, as últimas modas de Paris e registrar a vida da sociedade carioca através de charges e notas sociais, do que com a transmissão de informações verdadeiramente relevantes a respeito do cenário político e social do país.

---

<sup>10</sup> Réis foi a unidade monetária brasileira de 1822 até 1942, quando o Cruzeiro a substituiu.

Segundo Sodré (1999), a revista era apolítica e mais preocupada em destacar o “esnobismo carioca”, por isso encarregava-se de apresentar a euforia da *Belle Époque* do Rio de Janeiro, oferecendo retratos dos acontecimentos sociais na capital da república e representações dos hábitos burgueses, como os *foots* realizados pelos cavalheiros e os eventos sociais marcados pela presença de pomposas damas ou graciosas crianças vestidas com as últimas modas vindas de Paris.

**Figura 3 – Anúncio da loja “A Notre-Dame de Paris”**



Fonte: Revista Fon-Fon, n. 26, junho, 1920.

Inicialmente, a revista abordava tudo que era urbano e moderno, proporcionando, assim, um retrato da efervescente vida da elite republicana. Em geral, o conteúdo girava em torno da vida cotidiana e das atividades sociais que tinham lugar na capital do país. Tal afirmação evidencia-se neste trecho extraído de uma das edições da revista:

Passam carros e mais carros, automoveis e mais automoveis em direção ao *Corso*, que coincide com o dia de S. João, dia de folga, permitindo a todos de participar do passeio em voga. Enquanto não

sigo para lá também, atraído pela festa anunciada no *Pavilhão Mourisco* e organizada por um grupo de distinctíssimas senhoras da nossa *elite*, sento-me a uma das mesas da *terrasse* do Lopes Fernandes e mando vir uma saborosa mangaba, especialidade da acreditada casa. Ao lado do copo, figura meu inseparável *carpet*, confidente das minhas mais intimas impressões. N'elle rascunho os nomes das elegantes, dos *smarts*, de todos aquelles emfim que interessam á orientação jornalística do Fon-Fon, que se preza de ser uma **revista mundana**. (Fon-Fon, seção "Na Calçada", n. 13, março, 1928, grifo nosso)

Fon-Fon tornou-se, pois, uma referência editorial justamente por seu caráter polivalente. Ligada ao cotidiano de uma burguesia em ascensão no país, a revista prestava-se tanto ao jornalismo de variedades quanto à publicidade, aproximando-se do público leitor por meio de anúncios de produtos e serviços. Suas páginas estavam permeadas de propagandas, em sua maioria, de produtos estrangeiros, uma vez serem esses os insumos que ditavam o estatuto daquilo que deveria ou não se considerado moderno, refinado e consumido pela sociedade. As figuras 4 e 5 exemplificam bem esses enquadramentos:

**Figura 4** – Anúncio da Casa Raunier

## DA CASA RAUNIER



Encontra-se novo sortimento de **Espartilhos, Cintas e Porta-Seios**, modelos Francezes, e bem assim variadissimo **Stock** de roupas brancas para senhoras, **Cama e Meza.**

===== **PELO MENOR PREÇO** =====

Trazidas pelo nosso Director Edouard **Raunier** encontram-se em todas as secções as ultimas novidades de **Paris e Londres**, para Senhoras, Homens e Rapazes.

Modelo n. 1122. Extremamente leve e removido em tecido «Gestil». Acosturada, 30. Porta-seios de filé branco guarnecido «frenda guipure», 145.

**OUVIDOR, 170**

**URUGUAYANA, 55**

Fonte: Revista Fon-Fon, n. 4, janeiro, 1920.

Figura 5 – Anúncio do automóvel Chandler

As Senhoras e Senhoritas de nossa alta sociedade começam a apreciar o prazer de guiar Automoveis e é para nós um legitimo orgulho ver o



tão frequentemente distinguido pela facilidade e simplicidade de seu manejo.

**CHANDLER**

Agentes Geraes  
ESTABEL. MESTRE & BLATGE, S. A.  
Rua do Passeio 48 a 52  
RIO DE JANEIRO

End. Teleg. MESBLA - Rio      Telephones: Central 2631-2632

Fonte: Revista Fon-Fon, n. 1, janeiro, 1920.

A partir desse panorama, independente de inscrita na categoria de jornalismo de variedades ou de efemeridades, o certo é que a revista Fon-Fon exerceu a função de guia comportamental, político e pedagógico, auxiliar à

construção da mentalidade da sociedade carioca, mesmo que esta continuasse a relegar às mulheres um papel de coadjuvante no cenário histórico. Dessa forma, ao analisar seu conteúdo, concorda-se com as seguintes afirmativas de Nahes:

Fon-fon se transformou em uma cartilha político-educacional obrigatória, que deveria ser seguida incondicionalmente, oferecendo ao público feminino uma cultura de entretenimento, portanto, alienante, pouco questionadora, por meio de publicações como: receitas culinárias, bordados, propaganda, conselhos sobre qual a melhor postura feminina diante do homem (que conviesse a ele, logicamente), além de folhetins, americanos ou ingleses, focando suas lentes, sobremaneira, nas imagens. Moda, moldes e fotografia mencionavam, explicitamente, todas as regras do saber viver, do bom gosto, enfim, regras estas que todas as jovens de boa família deveriam conhecer, para realizar um bom casamento e ter um bom comportamento social. (2007, p. 107).

Tendo suas páginas permeadas por estrangeirismos, variedades e propagandas, Fon-Fon se firmou no cenário cultural da época como dispositivo comunicacional de referência, conquistando, com seu jornalismo “leve” e “irônico”, um espaço no universo simbólico feminino e na história da imprensa brasileira. Trajetória semelhante à que foi traçada pelo *Jornal das Moças*, conforme será apresentada a seguir.

#### 4.4.2 *Jornal das Moças*: a revista de maior penetração no lar<sup>11</sup>

A revista ilustrada *Jornal das Moças* foi um periódico semanal produzido na cidade do Rio de Janeiro e com distribuição em todas as capitais dos estados brasileiros. Publicado pela “Empresa *Jornal das Moças*, Menezes, Filho e C. Ltda.”, tinha sua sede situada na Avenida Rio Branco, número 180, sendo que a redação localizava-se à rua Sete de Setembro, número 44.

Como a maioria das revistas dedicadas ao público feminino deste período, o *Jornal das Moças* era fruto de editores homens – seu fundador foi Agostinho Menezes – que veio à luz em 21 de maio de 1914, ano da impressão do primeiro exemplar. Foi um periódico semanal, distribuído às quintas-feiras, que perdurou por 51 anos, tendo sido publicado até 1965. No geral, cada

---

<sup>11</sup> Slogan extraído da edição n. 1975, ano de 1953.



exemplar possuía em média 60 páginas, confeccionadas em papel jornal, com dimensões aproximadas de uma folha A4. A maioria das páginas era impressa em preto e branco, excetuando-se as capas e contracapas que continham algumas ilustrações, e, por vezes, alguns moldes de costura coloridos.

Assim como outras revistas ilustradas que circularam no período de transição do século XIX para o XX, o *Jornal das Moças* inspirava-se nos grandes magazines e revistas de variedades impressos na Europa, sobretudo as francesas. Não sem razão, em seu primeiro número, o editorial já anunciava:

[As] varias revistas ilustradas, que têm surgido em nosso meio, em quase sua [ge]neralidade, ou constituem simples albuns de [ph]otographias e de modas ou revistas literárias, com acentuada feição mundana e humorística, nunca, porem, se preocupando como convém, com o cultivo de espirito de nossas gentis patricias em outros ramos dos conhecimentos humanos. E' essa tarefa a que se impõe o *Jornal das Moças*. Cultivar, ilustrando, e ao mesmo tempo, deleitando o espirito encantador da mulher brasileira, a quem é dedicada esta revista, será o seu, sinão, único escopo, pelo menos a sua mais viva e mais ardente preocupação. Levar ao lar das famílias patricias, além da graça e do bom humor que empolgam, da musica e canto que embalam, os brincos e contos infantis que deleitam, a moda que agrada, do romance que desfaz as visões tristes da existência, da nota mundana que satisfaz a curiosidade insofrida, os conhecimentos uteis que instruem, eis certamente a mais bela feição da imprensa que procura viver do favor publico. Nesse nosso louvável objetivo, não temos poupado nem mediremos sacrificios, razão por que acreditamos possa o *Jornal das Moças* agradar geralmente, visto como surge com esse único fim, attendendo antes á sua impeccavel feitura material que é de apurado gosto artistico, a começar pela sua capa. Esperamos a indispensavel preferencia de nossas gentis patricias para o exito completo do nosso empreendimento.

Com base nos elementos apresentados nesse editorial, é possível inferir que assuntos eram abordados pela revista. Além de questões ligadas à moda, o *Jornal das Moças* tinha como foco conselhos domésticos, dicas de beleza, receitas culinárias, moldes de roupas, romances, partituras musicais, anedotas e notas sociais, todos dispostos em seções fixas, tais como: “Bilhetes Postaes” (figura 6); seção dedicada à publicação de correspondências dos leitores, com poesias, sonetos; assim como bilhetes que eram trocados entre amigas e casais. Outras seções recorrentes eram: “Pelos Clubs” (figura 7) e “Pelos Salões”, que traziam fotografias e notas de eventos sociais realizados em várias partes da capital carioca. Além desses, merece destaque o suplemento

humorístico intitulado “A *Palmatória*” (figura 8), que se reportava, por meio de charges, anedotas e, algumas vezes, crônicas, à situação econômica e política da capital nacional e do Brasil como um todo.

Figura 6 – Seção “Bilhetes Postaes”, do *Jornal das Moças*



Fonte: O *Jornal das Moças*, n. 238, janeiro, 1920.

**Figura 7 – Seção “Pelos Clubs”, do Jornal das Moças**



Fonte: O Jornal das moças, n. 237, janeiro, 1920.

**Figura 8 – Suplemento humorístico “A Palmatória”**



Fonte: O Jornal das moças, n. 237, janeiro, 1920.

Sendo assim, e de maneira semelhante à revista Fon-Fon, o Jornal das Moças oferecia às suas leitoras um manual de boas maneiras, embora abordasse questões ligadas à atualidade, economia e política. Condição que nos leva a concordar com Sodré e demarcar que as revistas femininas e/ou de



variedades desse período em questão – especialmente a década de 1920, eram, eminentemente, superficiais e alienantes. Dito pelo pesquisador:

[...] a alienação, que era o traço dominante nessa literatura artificial, correspondia, no fim de contas, às condições materiais do país, e encontrava perfeita consonância na atividade política, limitada ao estreito círculo da “elite”. Começava a surgir, no Rio, o antagonismo entre a “cidade” e o “subúrbio”; o chique era mesmo ignorar o Brasil e delirar por Paris. (1999, p. 300).

Portanto, e estabelecendo um diálogo com Almeida (2006, p. 126), embora “*O Jornal das Moças* se ocupasse, prioritariamente, de assuntos mundanos, domésticos e frívolos”, é possível indicar que a mesma alcançou um lugar de destaque no cenário da capital nacional porque divulgava informações e modos de conduta relacionados à vida das senhoras de nível social mais alto. Ou seja, era produzida e divulgada como um instrumento de distinção econômica, política e cultural. Condição que nos remete à necessidade de refletir sobre a situação da mulher, quer no cenário brasileiro, quer no contexto internacional, para poder apreender o seu lugar de leitora e o perfil de revista que melhor se adequava a esse perfil, eis o que será feito apresentado no capítulo seguinte.

## 5 MULHER E SOCIEDADE: DE CASA PARA A RUA

Chamado de o “Século das Mulheres”, os últimos cem anos acarretaram mudanças significativas em relação à percepção e à inserção política, econômica e cultural das mulheres nos vários domínios da vida social, sobretudo em termos de ampliação de seus direitos civis, como se costuma dizer, elas se tornaram protagonistas de sua própria história.

Mudança significativa, principalmente no Brasil, país onde os valores patriarcais herdados do período colonial sempre definiram as relações familiares. No cerne dessa ordem patriarcal, a mulher deveria obedecer ao pai e, após o casamento, se colocar sob o julgo do marido. Seguindo essa lógica, as mulheres tinham pouco ou nenhum direito de nutrir desejos particulares ou projetos pessoais, o que importava era sua sujeição ao “chefe da família”. O quadro a seguir, apresenta a evolução das organizações familiares em consonância à participação da mulher na sociedade, e as transformações das práticas de leitura feminina no Brasil, entre os séculos XV e XX.

Quadro 2 - **Inserção da mulher na sociedade Brasileira (séculos XV e XX)**

	<b>Colônia</b>	<b>Reino Unido</b>	<b>Império</b>	<b>República</b>
<b>Organização Familiar</b>	Ordem patriarcal	Ordem patriarcal	Ordem patriarcal	Família Moderna
<b>Inserção na sociedade</b>	Restrição ao ambiente doméstico	Acesso ocasional ao espaço público, desde que na companhia de um homem da família	Participação em eventos sociais (bailes, saraus, salões)	Presença em espaços públicos desacompanhada ou na companhia de outras mulheres
<b>Papel exercido</b>	Mulher como <i>imbecillitus sexus</i>	Mulher administradora da casa e senhora de escravos	Mulher “mãe da pátria”	Civilização e emancipação feminina. Mulher moderna
<b>Acesso à educação</b>	Acesso vetado à educação	Aprendizado de prendas domésticas Educação moralizante Saber social	Criada a lei que oferecia ensino público às mulheres (D. Pedro II)	Acesso ao ensino primário, secundário e profissionalizante Posteriormente, acesso ao ensino superior
<b>Práticas de Leitura</b>	Leitura praticamente inexistente	Leitura de livros piedosos e literatura religiosa	Leitura de romances e novelas	Leitura mundana Romances e novelas em folhetins

Fonte: Os autores

Sistema simbólico-estrutural que só adquiriu novos contornos a partir da virada do século XX, isto porque, o “novo século” foi marcado por campanhas de modernização que trouxeram à tona novos modelos de composição familiar.

Segundo Scott (2012, p. 16), “nesses novos modelos, as vontades dos indivíduos ganharam um pouco mais de espaço”, deixando de estar totalmente subordinada aos interesses coletivos da família comandada pelo patriarca, embora ainda prevalecesse a subalternidade da mulher em relação ao homem.

Atentando para esse momento de transição, discutiremos a seguir sobre estes novos padrões familiares, tendo como marco inicial a implantação do regime republicano no Brasil, contudo, em virtude das especificidades históricas do objeto de estudo, este se aterá ao espaço urbano carioca no período da República Velha, apresentando as características que permitiram uma abertura da sociedade à presença feminina e o aparecimento de revistas voltadas especificamente para esse público leitor.

## 5.1 O RIO DE JANEIRO NOS ANOS 20

Para entender o contexto social em que a mulher estava inserida e sua relação com as revistas aqui em destaque, faz-se necessário apresentar, ainda que de uma forma abreviada, o cenário urbano e cultural do Rio de Janeiro na década de 1920. Para tanto apresenta-se a seguir um breve panorama histórico-social da então capital do país, tendo como ponto de partida a proclamação da República.

Com a destituição da monarquia e a implantação do regime republicano no Brasil em 1889, o país iniciou uma nova fase em sua história, marcada por grandes transformações no meio urbano, transformações essas que acabaram induzindo a novos padrões de comportamento social. Segundo Araújo (1995, p. 29) “a proclamação da República foi o grande divisor de águas no processo de transformação urbana que definiu a identidade cultural do Rio”. Para defender seu argumento, a historiadora ressalta que:

O papel do Rio, como capital, tornou-o o modelo para o desenvolvimento da organização social desejada, reforçando o objetivo de “civilizar” o espaço urbano, fosse no aspecto físico e

funcional da cidade, fosse no ideológico. [...] A família, nesse quadro, foi vista mais do que nunca como sustentáculo do projeto normatizador cujo desenvolvimento reequacionou seu papel e sua inserção na cidade. (ARAÚJO, 1995, p. 30).

Assim sendo, as estruturas que conformavam a vida urbana da capital foram modificando-se no decorrer dos anos, atingindo seu apogeu com as reformas comandadas pelo prefeito Francisco Pereira Passos já a partir de 1903, cujo intuito era “modernizar” o Rio de Janeiro. Modernização que não se limitou apenas à implementação de políticas higienistas e/ou arquitetônicas inspiradas nos padrões parisienses, uma vez que o programa político e republicano de Pereira Passos também voltou sua atenção para o par cidade/família, fazendo deste a base da nova ordem social da capital.

Com isso, o intenso processo de urbanização desenvolvido nos anos iniciais da República logo foi absorvido pela família carioca, e esta se viu estimulada a desenvolver práticas e ações que se adaptassem aos enquadramentos sociais instituídos pelas políticas que visavam alcançar a tão proclamada modernização. Mudança conjuntural e intersubjetiva que atingiu seu ponto máximo de consolidação no começo dos anos de 1920, conforme será demonstrado a seguir.

## 5.2 UMA REMODELAGEM NA FAMÍLIA: NOVOS PAPÉIS FEMININOS

No final do século XIX a posição social da mulher, em especial daquelas pertencentes à burguesia e às classes dominantes, sofreu drásticas transformações em virtude do processo de proclamação da República e das mudanças urbanísticas que ocorrem em grande parte da capital nacional. Araújo (1995) aponta que o rápido desenvolvimento socioeconômico iniciado ao final do século XIX no Rio de Janeiro imprimiu um novo estilo de vida para as mulheres, que deixaram de ser figuras coadjuvantes no âmbito das relações conjugais para assumirem responsabilidades cada vez maiores em relação à administração da casa e a educação dos filhos. Essa mudança, que é ao mesmo tempo estrutural e simbólica, permitiu uma ampliação das práticas de

socialização das mulheres, propiciando, assim, sua inserção gradativa em ambientes que antes eram apenas marcados pela presença masculina.

Desta forma, as mulheres começaram, ainda que de modo discreto, a terem acesso à educação e ao espaço público, mesmo que estas instâncias reforçassem, na prática e no discurso, suas responsabilidades enquanto mãe, esposa, dona de casa e companheira dos maridos em eventos sociais. Embora tais mudanças tivessem atingindo um amplo espectro geográfico, é preciso demarcar que elas foram vivenciadas com uma maior intensidade no seio das classes dominantes, visto que as mulheres de baixa renda não possuíam acesso à educação, mesmo que tivessem condições de assumir postos de trabalho informal visando-se complementar a renda familiar. Em função disso, as mulheres da elite são as pioneiras no ingresso em instituições de ensino secundário e superior.

Assim sendo, é premente observar que os avanços na educação feminina ajudaram as mulheres a se desvencilharem da representação de sexo frágil e submisso à potência masculina, razão que as fizeram sair de suas casas e ganharem as ruas. Dados do *Recenseamento Geral do Brasil* emitido anos de 1890, 1906 e 1920, apontam uma considerável elevação no percentual de mulheres alfabetizadas em relação aos demais contingentes populacionais do país. Em 1890 os índices de alfabetização feminina se encontravam na marca de 43,53%; em 1906 passaram a 46,01%; e em 1920 as mulheres alfabetizadas já eram maioria, com um percentual de 55,77%.

Todavia, a escolarização, mesmo nas camadas mais abastadas da sociedade, não era o caminho mais utilizado para se alcançar avanços intelectuais por parte das mulheres. A leitura praticada no espaço doméstico muitas vezes supria a falta de uma educação formalizada. Praticadas individualmente ou em grupos fechados, essas leituras serviam tanto à função pedagógica quanto à de lazer, visto que em tais encontros lia-se especialmente materiais ditos como “saudáveis”, a saber: romances, sonetos, poesias e revistas femininas. Razão que impulsiona a discorrer de forma mais detalhada sobre as práticas de leitura feminina no contexto da virada do século XIX para o XX e a importância das revistas femininas para a ampliação das mesmas. Eis o objetivo do próximo tópico.

## 6 MULHERES E LEITURA: O CONTEXTO EDUCACIONAL E AS PRÁTICAS DESENVOLVIDAS PARA E PELO PÚBLICO FEMININO NO BRASIL

O século XIX marca, no Rio de Janeiro, o início da expansão da educação feminina formalizada. Até o advento da República (1889), a grande maioria das mulheres cariocas era analfabeta.

A ausência de uma educação formal destinada ao sexo feminino remonta ao período colonial e à herança da tradição Ibérica que classificava a mulher como ser inferior<sup>12</sup>, restrita ao trabalho de cuidar da casa, do marido e dos filhos.

Até 1822, início do período imperial, a maioria das mulheres era educada em casa, e essa educação restringia-se ao aprendizado de prendas domésticas, à prática de leitura de obras piedosas e a rudimentos de escrita. Tais ensinamentos visavam apenas a dotar as mulheres dos conhecimentos necessários à organização/gestão das casas e ao comando dos escravos. Posteriormente, as classes dominantes entenderam que esse sistema educacional não era satisfatório, com a chegada da corte e a independência nacional, havia a necessidade de que as mulheres passassem, também, por um “polimento sociocultural”, a fim de se apresentarem graciosas e prendadas perante à nova sociedade.

Perrot (2007) afirma que tal educação oferecida às mulheres não visava, necessariamente, à instrução das mesmas. As meninas e moças eram educadas apenas para tornarem-se úteis e agradáveis, em suma; “um saber social”. A educação feminina pretendia a formação de boas esposas, donas-de-casa e mães. A autora ressalta que era necessário:

Formá-las para seus papéis futuros de mulher, de dona de casa, de esposa e mãe. Inculcar-lhes bons hábitos de economia e de higiene, os valores morais de pudor, obediência, polidez, renúncia, sacrifício (...) que tecem a coroa das virtudes femininas. Esse conteúdo, comum a todas, varia segundo as épocas e os meios, assim como os métodos utilizados para ensiná-lo. (2007, p. 93)

---

<sup>12</sup> *Imbecillitus sexus* – sexo imbecil – paradigma no qual se encontravam crianças, escravos e doentes mentais. RIBEIRO, A. I. Mulheres educadas na colônia. In: LOPES, E. M.T, FARIA FILHO, L. M. (orgs). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

No Brasil, a lei que determinava a criação de escolas públicas para meninas foi instituída apenas em meados do século XIX. Ao se inserirem nessas escolas, elas deveriam aprender a ler, escrever, fazer as quatro operações matemáticas básicas, além de economia doméstica, culinária, corte e costura, todavia a instrução secundária ainda se mantinha um privilégio exclusivo dos homens. Tal diferenciação tinha como prerrogativa o fato do ensino secundário destinar-se apenas àqueles que pretendessem prosseguir nos estudos, algo incompatível para a posição de uma mulher, já que não se esperava que esta viesse a ingressar no mercado de trabalho.

A carência no ensino oferecido às mulheres no Brasil no século XIX era tão expressiva que alguns escritores estrangeiros relataram suas impressões, após viagens pelo país, e afirmaram quão inferior era a instrução dada a esse público em relação àquela destinada aos homens. Em 1865, Jean Louis e Elizabeth Agassiz afirmaram que:

Em geral, no Brasil, pouco se cuida da educação das mulheres, o nível de ensino dado nas escolas femininas é pouquíssimo elevado; mesmo nos pensionatos frequentados pelas filhas das classes abastadas, todos os professores se queixam de lhes retirarem as alunas justamente na idade em que a inteligência começa a se desenvolver. A maioria das meninas enviadas à escola aí entram com a idade de sete ou oito anos; aos treze ou quatorze anos são consideradas como tendo terminado os estudos. O casamento as espreeita e não tarda a tomá-las. [...] o mundo dos livros lhes é fechado, pois é reduzido o número de obras portuguesas que lhes permitem ler, e menor ainda o de obras estrangeiras a seu alcance escritas em outras línguas. (LOUIS, AGASSIZ *Apud* LEITE, 1981, p.74)

Tradicionalmente, o papel da leitora era de guardiã da moral, dos bons costumes, da tradição e do ritual familiar. Segundo Lyons (1999, p. 169) “a imagem tradicional da mulher que lia tendia a ser a de uma leitora com motivações religiosas e voltada para a família.”

Situação que ganha contornos menos restritivos a partir da segunda metade do século XIX. Isto porque, enquanto na primeira metade as leituras femininas compunham-se apenas de livros piedosos, literatura religiosa ou de cunho moral, na segunda metade, tais leituras começam a se tornar mais mundanas, dessa forma, foram concebidas novas formas de literatura para

esse uso. Dentre os novos gêneros surgidos para atender a tal público de leitoras, citem-se os livros de cozinha, revistas e, sobretudo, o romance popular barato.

Sobre essa transformação visualizada nos padrões de leitura, ressaltam-se dois eventos que permitiram que o mesmo ocorresse: a separação entre Igreja e Estado foi fator preponderante para que certas mudanças na educação feminina se consolidassem, uma vez que libertou a mulher da tutela católica, cujo ensino apregoava a rejeição à transmissão do conhecimento científico e a exaltação da moral da preservação da família cristã. Um segundo fator também merece ser destacado: a reconfiguração da sociedade brasileira após a proclamação da República. A partir desse momento, as mulheres começaram a circular pelos espaços públicos (ainda que sob a tutela de um homem), participando de reuniões sociais e salões de literatura. Nos salões, moças e senhoras passaram a ter a possibilidade de lerem e ouvirem novos textos, alguns especialmente compostos para elas. A relação entre esses espaços e práticas de leitura é assim descrita por Morais (1996, p.62):

Nesses espaços, os escritores garantiam o monopólio da primeira edição das futuras obras a serem lidas, à luz de vela ou lampião a gás, nos longos serões das noites brasileiras. Os salões, assim como os jornais, tinham sua importância como formadores de opinião e de público: em ambos circulavam informações de leitura. Nos salões formava-se uma nova fração de público, modificando o perfil do jornal e do leitor: eram as mulheres.

Os salões esses encontros públicos foram, pois, importantíssimos no processo de inserção das mulheres ao universo das práticas de leitura. Por meio de saraus literários, a leitura era praticada e conduzida para e pelas mulheres. Dessa forma, os salões representavam o espaço público onde moças e senhoras de distintas idades saíam de seu domínio privado e se aglutinavam em lugares de socialização pública. Deste modo, conforme atestado por Carvalho (1995, p. 3) “os salões representavam o espaço de mediação entre a esfera privada e a esfera pública. Assim, a leitura em questão funcionava como mediadora entre as duas esferas”.

Mas que tipo de leitura era praticada nesses espaços? Em seu estudo, Carvalho (1995) aponta que os romances eram a principal leitura compartilhada



nos salões literários. Fato que, para a historiadora, possui uma explicação lógica: o romantismo encontrou um cenário propício para desenvolver-se no Brasil, logo as obras românticas ganharam lugar na grande imprensa brasileira, inclusive na imprensa feminina, condição atestada pelo espaço expressivo que os mesmo detinham nos periódicos dedicados às mulheres.

Além dessa, há ainda uma segunda explicação plausível para o espaço que os romances passam a ocupar no contexto das práticas de leitura feminina, para os editores da época, a leitora era acima de tudo uma consumidora, sobretudo de romances, dessa forma, embora as mulheres não fossem as únicas leitoras de romances, elas passaram a ser consideradas o principal público alvo desse tipo de literatura. Almeida (2006, p. 3) aponta que a “valorização de leitoras como um segmento para quem deveriam ser produzidos discursos específicos caminhou pelo final do século XIX e estendeu-se até o século XX”.

Assim sendo, pode-se entender como os periódicos femininos consolidaram-se em importantes veículos informacionais. O público leitor dessas publicações, sempre crescente, chegou aos anos 20 com bastante representatividade. A presença feminina era significativa e a revista feminina estava a serviço da mulher moderna, cuja presença na sociedade estava em franco crescimento.

Quadro social e histórico que permite reafirmar, aqui, o motivo da escolha dos periódicos femininos como ferramenta auxiliar ao estudo das práticas de leitura feminina exercidas pelas mulheres cariocas nos anos que correspondem à década de 1920. Nesse contexto, além de representarem as mulheres, essas revistas se colocavam a seu serviço, trazendo em suas páginas literatura, moda, novelas e folhetins além de assuntos pertinentes ao universo feminino como dicas de beleza, etiqueta e conselhos domésticos. Ou seja, se constituíam como um dispositivo comunicacional e informacional amplamente diferenciado daqueles caracterizados como de domínio masculino. Mas como essa diferença se dá a ver? Que atributos essas revistas possuem e que estratégias utilizam para se aproximarem do público previsto? É isso que será apresentado a seguir a partir da análise das revistas Fon-Fon e Jornal das Moças que circularam na cidade do Rio de Janeiro nos anos de 1920.

## **7 A CADA LEITORA, SUA REVISTA: UMA ANÁLISE DAS PRÁTICAS DE LEITURA DAS ASSINANTES DE FON-FON E JORNAL DAS MOÇAS**

Apresentou-se até aqui os contextos que permitiram a inserção da mulher no universo das letras e das práticas educacionais. Historicização que permitiu apreender a disparidade existente entre o contexto masculino e o feminino e que, no caso específico do Brasil, as mulheres que possuíam acesso à educação eram, em sua maioria, pertencentes às camadas dominantes da sociedade. Todavia, pretende-se apresentar de forma mais detalhada e aprofundada o perfil dessa leitora, notadamente o daquela que consumia periódicos femininos. Sendo assim, apresentar-se-á nas seções seguintes quem eram as leitoras de Fon-Fon e do Jornal das Moças, utilizando, para tanto, as referências preconizadas pelos estudos de usuários da informação e os estudos de identidade e gênero, associados às informações coletadas nos próprios periódicos além de outros registros sócio-históricos que discutem o perfil da mulher leitora nos anos 1920.

### **7.1 QUEM ERA A LEITORA DE FON-FON E DO JORNAL DAS MOÇAS?**

A virada do século XIX para o XX demarcou um extraordinário crescimento do público leitor no Rio de Janeiro, permitindo o surgimento de novos públicos leitores, inclusive femininos. Impulsionadas pelo acesso à educação, as mulheres logo se apropriaram do universo da leitura. Nesse sentido, os periódicos que começavam a ampliar seu nicho comercial, tiveram um papel importante, pois além de agirem como material recreativo, auxiliavam à formação cultural das leitoras, oferecendo em suas páginas conselhos de ordem prática, folhetins, notas sobre a vida mundana, além de poemas, crônicas e romances.

Definida a natureza dos periódicos e o contexto em que estes surgiram e passaram a atuar a serviço das mulheres, pretende-se agora apresentar quem era a leitora que se relacionava com essa tipologia documental tendo como referência as revistas Fon-Fon e do Jornal das Moças.

Segundo Broca (1991), o público capaz de mobilizar as práticas de leitura no Brasil no começo do século XX era formado basicamente por estudantes – homens – pertencentes à classe média em ascensão. Somados a esses estudantes haviam as mulheres das classes dominantes, cuja educação se direcionava para a formação literária francesa.

Sobre o perfil econômico das leitoras de Fon-Fon e do Jornal das Moças, pode-se inferir que tais periódicos eram destinados a um público de maior poder aquisitivo, constatação que tem por referência o preço de cada exemplar, nos anos de 1920, o preço médio das revistas se encontrava na faixa de 500 réis. Se comparado ao salário médio de um soldado do Exército Brasileiro (no mesmo ano), que atingia o valor mensal de 12\$000 réis<sup>13</sup>, cada exemplar correspondia a 4% desse montante. Outro fator que nos leva a crer que as revistas eram destinadas às mulheres de classe média e/ou alta, são os anúncios de bens de consumo veiculados nas páginas de ambas as revistas. Para adquiri-los, fazia-se necessário que as leitoras possuíssem certa condição financeira, já que a maioria dos produtos ofertados eram importados. As seguintes ilustrações mostram exemplos de produtos anunciados pelos periódicos.

**Figura 9 – Anúncio da Perfumaria Avenida**

**PO' DE ARROZ  
AVENIDA**  
Antiseptico, refrescante e de delicado perfume.  
Amacia a pelle, dando-lhe a mais bella côr.  
Caixa 2\$500

**NEIGE  
DE BEAUTE'**  
Especifico para renovação da cutis e conservação da belleza. Recomendado para o busto e os braços.  
FRASCO 5\$000

**SABONETE  
AVENIDA**  
Hygienico, fragrante e de delicioso perfume.  
Remove as impurezas da pelle, embellezando-a.  
Tablettes de:  
\$600, 1\$500 e 1\$800

**AGUA DE QUINA  
ODORANTE  
AVENIDA**  
Excellent para destruir as caspas (secca e oleosa). Usada diariamente evita a queda prematura e o consequente embranquecimento do cabello.  
1 Litro, 10\$ - 1/2 litro 6\$ - 1/4 de litro, 3\$500.

**AGUA DA COLONIA  
EXTRA-FORTE  
AVENIDA**  
De um perfume agradável e persistente, é recommendada pelas suas qualidades tónicas e

**AGUA DE ALFAZEMA AMBREADA  
AVENIDA**  
Adstringente e estimulante, é

142. AVENIDA RIO BRANCO  
W. PERFUMARIA W.  
AVENIDA  
RIO DE JANEIRO  
TELEPHONE Central 1318

Fonte: Revista Fon-Fon, n. 4, jan. 1920.

<sup>13</sup> Valor extraído de uma reportagem no Jornal das Moças, n. 249, mar. 1920, p. 22, sobre o aumento concedido aos militares naquele mesmo ano.

Figura 10 – Anúncio da Casa Guiomar (calçados)

**CASA GUIOMAR**  
CALÇADO DADO 120, Avenida Passos, 120



Sapatinhos de kangurú amarelo, artigo fortissimo, para casa e collegio, modelo « Guiomar », criação nossa :

de 17 a 26.....	4\$500
» 27 » 32.....	5\$500
» 33 » 40.....	7\$500

**Pelo correio mais 1\$000**



Sapatos *Alliva*, em kangurú preto e amarelo, criação exclusiva da casa *Guiomar*, recommendados para uso escolar e diario, pela sua extrema solidez e conforto :

De 17 a 26.....	5\$000
» 27 » 32.....	6\$300
» 33 » 40.....	8\$000

**Pelo correio mais 1\$000**

REMETTEM-SE CATALOGOS ILLUSTRADOS' GRATIS

**GRAEFF & SOUZA**  
Telephone, 4424 Norte – Rio de Janeiro

Fonte: Jornal das Moças, n. 249, mar. 1920.

Tendência também observada por Nahes (2007) e Almeida (2006), pesquisadoras que nas conclusões de suas análises sobre as revistas Fon-Fon e o Jornal das Moças afirmam que ambas eram endereçadas a um público de faixa etária variável, exclusivamente feminino, mas de duas camadas sociais bem determinadas: classe alta e média.

Pelo conteúdo de algumas seções de Fon-Fon e do Jornal das Moças, pode-se também visualizar a pressuposição de que o público consumidor dessas revistas possuía um padrão cultural de mediano para elevado, pois a linguagem utilizada por ambos os periódicos sugere que as leitoras possuísem algum conhecimento de línguas estrangeiras, em especial a língua francesa, pois muitos artigos ou possuem expressões ou eram integralmente redigidos neste idioma, como evidenciado nesses fragmentos extraídos dos objetos de pesquisa:

Figura 11 – Seção Souvenirs do Jornal das Moças

**Souvenirs**

Je vous revois, autels vénérés et portiques  
 Sous lequel je passais, enfant pure et mystique.  
 O murs des temples saints, parmi vous j'ai grandi.  
 A votre ombre bénie j'ai prié, j'ai souri...  
 Joignant mes mains d'enfant pieuse, obéissante;  
 Mes lèvres murmuraient, tendrement frémissantes,  
 L'humble prière et le cantique solennel...  
 L'Hymne mystérieux montait doux vers le ciel,  
 De mon cœur les accents naissaient fervents et tendres,  
 Le soir au fond des nefs, on eût dit, à l'entendre,  
 Que mon âme chantait un air de paradis,  
 Une harmonie céleste en un langage appris.

.....

Puis, remplissant de fleurs d'humbles vases d'argile,  
 Autels, je vous parais impuissante, inhabile,  
 Et trop petite encor pour arriver à vous,  
 Sur vos pierres sacrées je grimpais à genoux.  
 Errant comme chez moi sous vos porches antiques  
 Je contemplais rêvant vos formes symboliques.  
 L'Archange radieux aux grandes ailes d'or  
 Me laissait ignorer ce que j'étais alors...

.....

Hôte recent des cieus, j'attendais le miracle,  
 J'espérais voir Jésus sortir du Tabernacle  
 Et tout bas répétais, frissonante d'espoir,  
 Ce que je lui dirais, quand je pourrais le voir...  
 Tarn, Novembre 1919.

LYETTE BOUYAL.

Fonte: Jornal das Moças, n. 250, 1920



Figura 12 – Seção “Frimousses et Binettes”



(Kodack á l'encre)

**Lucinda Simões**

Grisonnante, grasse, alourdie par trente ans environ de travail et de soucis, la charmeuse du *Demi-monde* conserve malgré l'âge e la fatigue ses beaux yeux rêveurs de jadis et émeut encore le public dans les adieux déchirants des *Amants*.

D'engagée est devenue *empresaria*, a encouragé les nouveaux talents, leur a donné ses précieux conseils et fidèle à l'art a accepté des rôles secondaires abdiquant à des **femmes** plus jeunes ceux des grandes amoureuses.

Le fut aussi, grande amoureuse, hors du théâtre, romanesque et tendre à l'exemple des héroïnes des pièces de Dumas fils et connut tous les triomphes de l'art et de l'amour.

**Christiano de Souza**

Ce chér artiste n'a pas de chair. C'est un grand os qui se remue, marche et étonne. Mais un os... tensible, car il se fait remarquer par l'élégance et l'excellente coupe de son enveloppe qui vient d'un parfait tailleur.

C'est Don Quixote frusqué à la Le Bargy. Pas beau mais excessivement sympathique et insinuant; pas beau comme *Christian* du *Cyrano* mais insinuant comme De Ryons, qu'il joue merveilleusement.

A deux choses énormes: le talent et le nez. Celui-ci est pointu, l'homme est tout rond de caractère, d'une bonhomie charmante.

Si son talent ne suffisait pas pour proclamer la renommée de l'artiste, son nez solidement charpenté et arc-bouté s'en chargerait, car on peut dire carrément qu'il possède une fameuse... trompette!

*Chambrenoir.*

Fonte: Revista Fon-Fon, n. 4, mai., 1907.

Não pode-se afirmar que as leitoras dessas revistas se encontravam totalmente a parte dos fatos políticos e econômicos nacionais ou internacionais, mas é preciso mencionar que, em ambos os periódicos, esses temas eram abordados, mesmo que de uma forma sutil ou superficial. No caso de *Fon-Fon*, encontram-se as seções “Perfis Internacionaes” e “Memórias da Guerra” que apresentavam notícias sobre fatos ocorridos ao redor do mundo e assuntos políticos pós Primeira Guerra Mundial. Já no *Jornal das Moças*, encontra-se entre os exemplares analisados a seção “A Palmatória”, onde eram publicadas charges sobre acontecimentos políticos da época. Há também a seção “De tudo um pouco”, na qual eram apresentadas notas sobre diversos assuntos, especialmente sobre o panorama socioeconômico vivenciado pelo Brasil e sua correlação com aquilo que acontecia no Mundo.

Definido o perfil das leitoras de ambos os periódicos, apresentam-se nas próximas seções às análises das práticas de leitura da mulher carioca nos anos 1920.

## 7.2 CONSIDERAÇÕES ACERCA DO ESTUDO DE USUÁRIOS

Visando tornar claro para os leitores como as análises foram empreendidas, acredita-se ser conveniente relatar aqui o que se entende por estudo de usuário e como seus princípios foram utilizados para qualificar o perfil das leitoras das revistas Fon-Fon e Jornal das Moças.

Nice Figueiredo (1994, p. 7) entende estudos de usuários como “investigações que se fazem para saber o que os indivíduos necessitam em matéria de informação”. Para a referida autora, essas investigações auxiliam à tarefa de se responder às seguintes questões: para que, como, e para quais fins os indivíduos utilizam a informação?

Em termos operacionais, as pesquisas com estudos de usuário podem ser agrupadas em dois segmentos distintos, mesmo possuindo íntimas relações entre si, são eles:

- a) Estudos orientados ao uso de uma biblioteca ou centro de informação individual;
- b) Investigação sobre um grupo particular de usuários e sobre como este grupo obtém a informação necessária à realização de seus fazeres.

A presente pesquisa se inscreve no segundo grupo, visto que o intuito do trabalho é apresentar as preferências de leitura da mulher carioca, sobretudo aquelas que se caracterizavam como público prioritário das revistas femininas, visando-se, em última instância, entender como essas mulheres se confrontavam e se relacionavam com as informações veiculadas nestes periódicos.

Os estudos de usuários se utilizam de metodologias qualitativas e quantitativas tais como:

*Qualitativas:*

- Questionários;
- Entrevistas;
- Observação direta pelo investigador;

*Quantitativas:*

- Frequência de uso de determinado material;
- Estatísticas de empréstimo e/ou consulta,
- Estatísticas de busca: por assunto, tipo de material, autor, etc.

Tais empreendimentos metodológicos balizam a coleta de dados que permitem a categorização dos perfis de usuários (grupos de usuários) e a identificação das necessidades informacionais de cada um deles. Em nossa pesquisa, devido à impossibilidade de se estabelecer contato direto com as leitoras das revistas em análise, recorreu-se a relatos históricos, dados estatísticos e registros documentais, associados às “pistas” recolhidas nas próprias revistas, como estratégias para se delinear as características comuns a esse grupo de usuárias, suas demandas informacionais e como aplicavam as informações coletadas aos seus fazeres diários.

Mediante essas considerações, torna-se possível indicar que o grupo majoritário de leitores (usuários) das duas revistas era composto por mulheres pertencentes à faixa etária dos 15 aos 35 anos, que possuíam o ensino secundário e uma condição financeira típica das classes média e alta, embora sua vida ativa estivesse relacionada ao ambiente doméstico:

**Tabela 3 – Perfil da leitora de Fon-Fon e do Jornal das Moças**

<b>Sexo</b>	<b>Faixa etária</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Classe Social</b>	<b>Ocupação</b>
<b>Feminino</b>	15-35 anos	Ensino secundário	Alta / Média	Do lar

Fonte: Os autores.

Associando essas informações àquelas inscritas na revisão de literatura, tornou-se possível constatar que a leitora de revistas femininas dos anos iniciais do século XX buscava em suas páginas não somente entretenimento, mas, também, alternativas complementares à educação formal que recebiam. Perspectiva compartilhada por Heller (2006), para quem esse tipo de veículo informacional tinha como propósito privilegiar a prática da leitura e da escrita de suas assinantes.



Neste sentido, a análise das revistas Fon-Fon e Jornal das Moças acena para um perfil de usuárias ainda pouca afeitas às práticas de leitura, mas ao mesmo tempo ávidas por textos e produtos que demarcassem seu distanciamento da subordinação masculina e das tarefas domésticas. Características que a fase de análise documental das revistas também confirmou, conforme se pode observar abaixo.

### 7.3 CONCEITO DE ANÁLISE DOCUMENTAL

As pesquisas utilizando fontes documentais são recorrentes no âmbito das humanas, sociais e sociais aplicadas. Para Ludke e André (1986) a pesquisa documental constitui-se como técnica importante no cerne das análises qualitativas porque complementa informações obtidas por meio de técnicas. Compartilhando dessa premissa, Cellard (2008, p. 295), ressalta a importância das pesquisas documentais enfatizando que:

[...] o documento escrito constitui uma fonte extremamente preciosa para todo pesquisador nas ciências sociais. Ele é, evidentemente, insubstituível em qualquer reconstituição referente a um passado relativamente distante, pois não é raro que ele represente a quase totalidade dos vestígios da atividade humana em determinadas épocas. Além disso, muito frequentemente, ele permanece como o único testemunho de atividades particulares ocorridas num passado recente (2008, p. 295).

Qualidades e possibilidades que, segundo o autor, fazem com que a análise documental favoreça a observação do processo de maturação ou de evolução de indivíduos, grupos, conceitos, conhecimentos, comportamentos, mentalidades, práticas sócio-culturais específicas, entre outros. Não por acaso, as pesquisas que recorrem a esse método buscam, na maioria das vezes, produzir e reelaborar conhecimentos cuja gênese ligam-se a fenômenos deslocados espacial e temporalmente das atividades dos indivíduos que os realizam.

A análise documental se apresenta, pois, como um método de escolha e verificação de dados que visa possibilitar o acesso às fontes pertinentes ao esclarecimento de uma realidade cujas sinuosidades e especificidades não poderiam ser aclaradas por outras vias que não os vestígios documentais.

É nesse sentido que a análise documental mostrou-se relevante para esta pesquisa, uma vez que permitiu extrair informações valiosas do escopo documental aqui manuseado, possibilitando, assim, uma ampliação da compreensão sobre as práticas de leitura empreendidas pelas mulheres cariocas no contexto sócio-histórico da década de 1920, sobretudo daquelas que se constituíam no público das revistas *Fon-Fon* e *Jornal das Moças*.

#### 7.4 UMA ANÁLISE DAS PRÁTICAS DE LEITURA FEMININA ATRAVÉS DAS REVISTAS *FON-FON* E *JORNAL DAS MOÇAS*

Em meio a tantas moças e senhoras que frequentavam os espaços urbanos da moderna e cosmopolita cidade do Rio de Janeiro dos anos de 1920, haveria mesmo condições de assinalar quais eram os hábitos e preferências de leitura dessas mulheres? Em termos de generalizações, essa seria uma empreitada praticamente impossível, entretanto, se delimitarmos nossa amostra de pesquisa a um grupo reduzido de leitoras, especificamente aquelas que liam as revistas *Fon-Fon* e *Jornal das Moças* nos anos de 1920, nossa tarefa passa a apresentar-se mais factível.

Tendo como referência que foi nesse contexto espaço-temporal que as mulheres começaram a reivindicar acesso à educação de qualidade, como a oferecida aos seus pais e maridos, apreendemos a importância das revistas femininas como instâncias que referendavam e auxiliavam suas leitoras nesse processo. Nesses termos, mesmo sendo considerado “jornalismo de futilidades”, a imprensa feminina serviu como desencadeadora de um processo de socialização da mulher que tinha a leitura como prática de referência.

Com o objetivo de tornar visível para os leitores essa modalidade de compreensão, apresentar-se-á, abaixo, alguns excertos extraídos das duas revistas analisadas que permitam, em seu conjunto, compor um panorama sobre os hábitos e práticas de leitura das mulheres que acessavam a *Fon-Fon* e a *Jornal das Moças* nos anos de 1920. Para tanto, começamos por ressaltar a forma como ambas as revistas se dirigiam ao público feminino. Em suas páginas proliferavam chamadas que apresentavam cada uma delas como itens

indispensáveis à formação de qualquer pessoa que se considerasse moderna e requintada.

Além disso, causa espanto a significativa quantidade de romances e novelas publicadas nas páginas desses folhetins, o que denota a prática de uma leitura explicitamente de entretenimento. Sendo assim, podemos então inferir que, embora fazendo parte da leitura de homens e mulheres, jovens ou adultos, o romance publicado dessa forma, transformou-se em sinônimo de leitura feminina. Não por acaso, encontramos na edição de fevereiro de 1920 do *Jornal das Moças* um anúncio indicativo de que o folhetim “Magdalena” seria publicado em formato de livro pela revista, afim de que fosse colecionado e encadernado por suas leitoras. Vejamos na íntegra o que o mesmo dizia:

*No dia 26 do corrente, começaremos a publicar o romance MAGDALENA em folhetim, formato de livro, afim de ser colecionado e encadernado pelas nossas leitoras. MAGDALENA é o título de um belo e sentimental romance, cheio de lances empolgantes, escrito especialmente para a revista “Jornal das Moças”, pela querida e talentosa escritora patricia Alice de Almeida, e ilustrado com inúmeras gravuras de A. Kreisler, que preparou uma bela capa a três cores, que será publicada no fim do romance (...)*  
(JORNAL DAS MOÇAS, fevereiro, 1920.)

Por sua vez, na edição de setembro de 1921, a revista Fon-Fon notifica a aguardada publicação do romance francês “Muito tarde”, de Ponson de Terrail: *“Brevemente, em folhetim, o grande romance do conhecido escrito francês Ponson de Terrail: Muito tarde! Com inúmeras ilustrações”*.

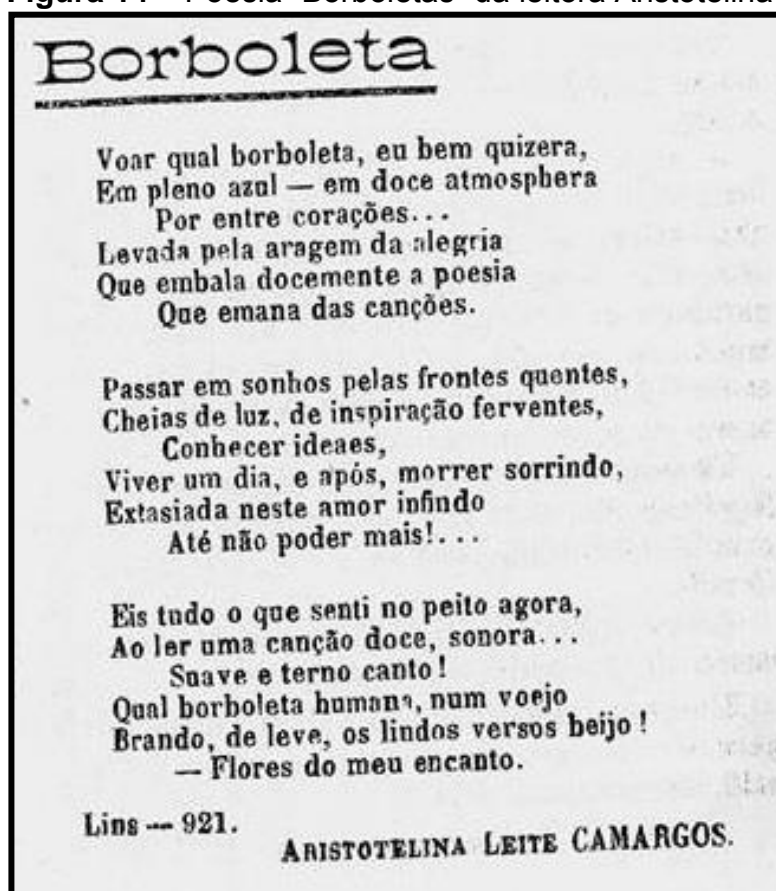
Para além de romances, a poesia e o soneto eram as duas outras modalidades de textos literários que apareciam com maior recorrência nas páginas dessas duas revistas. Tanto é assim que encontramos em Fon-Fon, na edição n. 6 de fevereiro de 1927, um soneto de Menezes de Oliva intitulado “Canticum Canticorum” (figura 13). Não obstante, no *Jornal das Moças* é comum depararmos com contribuições de leitoras que enviavam poesias próprias para publicação na Revista (figura 14).

Figura 13 – Soneto de Menezes de Oliva publicado em Fon-Fon



Fonte: Revista FonFon, n. 6, fev.1927.

**Figura 14** – Poesia “Borboletas” da leitora Aristotelina Leite Camargos



Fonte: Revista Jornal das Moças, n. 346, 1922.

A crônica também possuía significativo espaço nesses periódicos. A seção “Petropolitanas” de Fon-Fon (figura 15), caracterizava-se por apresentar pequenas crônicas sobre o dia-dia da cidade e dos hábitos da elite carioca. No Jornal das Moças havia a seção “Chronica” (figura 16), que possuía o mesmo objetivo e era assinada por diferentes escritores cariocas.

Figura 15 – Seção “Petropolitanas” de Fon-Fon

<p><b>PETROPOLITANAS</b> A ambição de muitas famílias é ter um cosinheiro chinês. Pois aconselho ás que tiverem tal desejo, não o satisfazerem. Honrem, conservando na venida Piabanha com um illustre magistrado, elle me contou uma horrivel historia de cosinheiro chinês.</p> <p>Vou narral-a para que ninguem aceite em sua casa esse typo criminoso.</p> <p>A despeza de sua casa, no mercado, diariamente, disse me elle, ascendia a trinta mil reis; mas, depois que sua esposa arranjára um mestre cuco do Celeste Imperio, fôra reduzida a nove mil e quinhentos, dez mil reis. Um prodigio. Um remedio contra a carestia. E eram os melhores acepipes ao</p>	<p>almoço e ao jantar : legumes tenros, frangos saborosos, perús admiraveis. A familia toda até engordava.</p> <p>Um dia elle nao se contivera, seguiu o cosinheiro ao mercado, espionando o de longe, pare saber como conseguia aquelle milagre. Vira, horrorisado, o <i>celestial</i>, apanhar repolhos e nabijas no lixo dos quitandeiros, aproveitando os que ainda se podiam comer. Vira-o comprar por dez reis de mel coado frangos e perús, doentes ou mortos de vespera. Estes eram os melhores, já estavam naturalmente faisandês... O chim ainda ganhava a metade da despezas...</p> <p>Excusado será dizer que o cozinheiro nesse dia não lhe entrou mais em casa. E as senhoras donas de casa, depois deste exemplo, ainda quererão cozinheiros chineses?...</p>
---	--

Fonte: Revista Fon-Fon, jan., 1920.

Figura 16 – Seção “Chronica” do Jornal das Moças

Rio de Janeiro, Quinta-feira 12 de Fevereiro de 1920  
ANNO VIII N. 243  
REVISTA FEMININA

**CHRONICA**

mascardo!

Ah! sim... O mascarado é uma figura exótica, ironicamente exótica, grotescamente exótica... O seu grotesco atropeladamente colorido, dá-me a impressão nítida, rigorosamente nítida, dos pesadelos febris... Os seus gestos escandalosos, espantados, quasi aggressivos, n'uma expansão forçada de alegria, de uma alegria automática de bruto, tem tanto e tanto de babaro, que abego a imaginar que sómente um louco teria a idéa infeliz de vir para a tua amedrontar as crianças.

E, no entretanto, eu gosto do mascarado.

É infelizmente, triste, servir de fardão, de instrumento de diversão para os outros!... Entim, eu o brindo com o meu sorriso de homem resignado e pacifico, quando elle sae a pular á minha frente, a festejar-me espontaneamente, a pular com o meu semblante de triste.

Eu lhe dou o meu sorriso lindo!

nervosamente, perdidamente, loucamente, espectacularmente d'aquelles, que, afinal de contas, são menos desgraçados que elle.

E tu, meu Pierrot?

Tu, sim... Não escondes a tua tristeza de arte e de poesia... A nevroze da luz de ouro dos lampões e mais o reflexo do aço fino dos espelhos, tornou-te um poeta, meu Pierrot! A cinza da noite cae sobre o teu vulto, desconso-ladamente, o lyric nocturno, legenda obscura de hospital!

A alegria dos outros te molêsta, meu doente carnavalesco!

Tu amaste, meu Pierrot! E é por isso mesmo que soffres tanto! Antes nunca amasses!

O amor é um dos grandes males da vida, meu mascarado elegante!

E, no entretanto, Colombina lá está, envolta em serpentinas, perfumada, soberba, admiravelmente tentadora e brincalhona e má, a fazer cõcegas no nariz de alvaiade de Arlequin embriagado e...

Fonte: Revista Jornal das Moças, n. 243, fev. 1920.

O gênero “conselho” também se fazia bem frequente nas páginas das duas revistas aqui em voga. Dicas de etiqueta, de beleza e de comportamento social eram divulgados pelos recorrentemente por Fon-Fon e pelo Jornal das Moças, indicando uma preocupação com o fomento de uma prática de leitura

“civilizatória”, visto que o objetivo primordial desses textos era prescrever os bons hábitos que uma dama da sociedade carioca deveria portar. O excerto a seguir circulou no Jornal das Moças em junho de 1922 e serve como exemplo desses “conselhos” dados às leitoras de nossas duas revistas:

#### MULHERES

Mulheres! Se a natureza não vos conceder a ventura de ser mães, não blasfemeis. [...] Ser mãe não é somente estorcer-se nas supremas convulsões e dar a vida a um ser; ser mãe, é ter nos lábios um sorriso para cada amargura, ser mãe, é amar as criancinhas formosas, amparar o órfão, é aconselhar a juventude inconsciente [...].

Portanto, a recorrência dessa tipologia textual, somada ao conjunto de propagandas veiculadas nas páginas das revistas Fon-Fon e Jornal das Moças, chama a atenção para um perfil de leitora que se reporta a moças e senhoras pertencentes às classes média e alta, que viam nesses periódicos a possibilidade de se entreterem e de constituírem para si um espaço de sociabilidade referenciado pelas questões urbanas que tinham lugar na capital do país e por seu deslumbre por aquilo que vinha do estrangeiro, sobretudo de Paris.

Sendo assim, entende-se que as informações difundidas e as estratégias comunicacionais empreendidas tanto por Fon-Fon quanto pelo Jornal das Moças se portam como espelho de uma sociedade que, embora ampliando a participação das mulheres em vários de seus segmentos e estruturas, não deslocavam sua imagem da presença e do julgo masculino. Razão pela qual ofereciam textos de fácil compreensão e tidos como literatura de amenidades, cuja prática constante, além de ser incentivada, tinha o intuito de converter suas leitoras em boas mulheres, donas de casa prenyadas, mães dedicadas e esposas afetuosas.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho não tivemos a pretensão de reconstituir a história da leitura feminina no Brasil, mas tão somente apreender aspectos ligados ao exercício dessa prática entre as mulheres cariocas dos anos de 1920, tendo como referencia as revistas *Fon-Fon* e *Jornal das Moças*, importantes periódicos que ganham notoriedade exatamente nessa época e que se mantiveram ativas até o começo da década de 1960, tendo, inclusive, influenciado muitas outras que ganharam vida posteriormente.

Ao iniciar a pesquisa, parecia praticamente impossível imaginar como era a vida intelectual das brasileiras e cariocas há quase cem anos. Todavia, percebemos que estas, mesmo que sublocadas ao espaço privado e tendo que responder à autoridade masculina, possuíam de fato uma vida intelectual ativa.

Percebe-se, também, que, embora os trabalhos sobre práticas de leitura estejam inscritos em um campo muito vasto e interdisciplinar por natureza, a Biblioteconomia pode contribuir ativamente para a ampliação de seus contornos através de pesquisas relacionadas aos usos e usuários da informação.

Partindo dessa premissa, a pesquisa aqui empreendida permitiu salientar a riqueza e a variedade de informações que um estudo de usuários efetivado através de análises documentais pode revelar. Nesse sentido, através das revistas *Fon-Fon* e *Jornal das Moças*, tornou-se factível aclarar as nuances simbólicas, sociais e históricos responsáveis por definir os modos de execução e os enquadramentos possíveis para a prática da leitura feminina no Rio de Janeiro dos anos de 1920.

Modos de execução e enquadramentos que acenam para o fato de que as revistas femininas em circulação no período aqui delimitado encontravam-se a serviço da formação intelectual da mulher, viabilizando sua inserção no mundo das letras. Contudo, tal inserção preconizava sempre o respeito às normas de conduta e a autoridade masculina, tanto é assim que ambas as revistas veiculavam, na maioria de suas páginas, textos considerados como amenos e condizentes com as atividades que exerciam na esfera do privado.



Outra constatação advinda da pesquisa reforça a inserção que estas revistas tinham na vida das mulheres e moças cariocas, inclusive tendo que se adaptar aos seus interesses e necessidades informacionais e comunicacionais. Portanto, se por um lado tais periódicos influenciavam nas leituras de suas assinantes, por outro eram por elas influenciados, apresentando em suas páginas textos que buscavam suprir as demandas de um público em formação e com grandes potencialidades de inserção e projeção social.

Desta feita, é impossível não pensar que, enquanto mulher, estudante de biblioteconomia e leitora, muitos dos meus hábitos ligados às práticas de leitura têm como referência, embora exercidos no século XXI, costumes e atividades herdadas de minhas avós, tias, professoras e também da minha mãe em associação ao que é veiculado em jornais, cinema e televisão.

Não pretendeu-se, neste estudo, esgotar o tema, mas sim deixar uma porta aberta para o estudo do mesmo por parte dos pesquisadores do campo da Biblioteconomia, dada a importância de pensar como essas práticas sociais são assimiladas e reorientadas ao longo do tempo e nos espaços em que aconteciam. Dessa forma, foi isso que pretendeu-se aqui.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Nukácia M. A. de. **Revistas femininas e educação da mulher: o Jornal das Moças**. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 2006. Disponível em: <[http://alb.com.br/arquivomorto/edicoes\\_anteriores/anais16/sem03pdf/sm03ss14\\_06.pdf](http://alb.com.br/arquivomorto/edicoes_anteriores/anais16/sem03pdf/sm03ss14_06.pdf)>. Acesso em 08 jan. 2014.

ARAÚJO, Rosa Maria Barboza de. **A vocação do prazer: a cidade e a família no Rio de Janeiro republicano**. Rio de Janeiro: Rocco. 408 p. 1995.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 14724:2011: informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação**. Rio de Janeiro: ABNT, 2011.

\_\_\_\_\_. **NBR 6023: 2002: informação e documentação: referências: elaboração**. Rio de Janeiro: ABNT, 2002.

\_\_\_\_\_. **NBR 10520: 2002: informação e documentação: citações em documento: apresentação**. Rio de Janeiro: ABNT, 2002.

\_\_\_\_\_. **NBR 14724: 2011: informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação**. Rio de Janeiro: ABNT, 2011.

BASTOS, Dilza R. **Em Busca de uma Metodologia de Análise Documentária para as Crônicas Jornalísticas de Carlos Drummond de Andrade**. 2006. 181f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.

BESSONE, Tânia. As leitoras no Rio de Janeiro do século XIX: a difusão da literatura. **Gênero**, v. 5, n. 2, p. 81-93. 1. sem. 2005.

BRASIL. Ministério da Agricultura. **Recenseamento Geral do Brasil**. Rio de Janeiro : Ministério da Agricultura, 1920.

BROCA, Brito. **Naturalistas, parnasianos e decadistas: vida literária do realismo ao pré-modernismo**. Coordenado por Alexandre Eulali. São Paulo: UNICAMP, 391p. 1991. (Coleção Repertórios).

BONVOISIN, Samra-Martine.; MAIGNIEN, Michele. **Que sajeis la presse féminine**. Paris: PressesUniversitaires de France, 127 p. 1986

BOURDIEU, Pierre. Goffts de classe et styles de vie. In:\_\_\_\_\_. **Anatomie du gofft**. Actes de la Recherche en Sciences Sociales, nº 5 , out., p. 18-43, 1976. Traduzido por Paula Montero.

BUITONI, Dulcilia S. **Imprensa feminina**. São Paulo: Ática, 96 p. 1990.

\_\_\_\_\_. **Mulher de papel**: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira. 2. ed., São Paulo: Sumus Editorial, 239 p. 2009.

CARVALHO, Kátia de. A imprensa feminina no rio de Janeiro, anos 20: um sistema de informação cultural. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 24, n. 1, 1995.

CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (Orgs.). **História da Leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Ática, 248 p. 1999.

CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis, Vozes, 2008.

CHARTIER, Roger. **Práticas da Leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 268 p. 1996.

CRIPPA, G. ; ALMEIDA, Marco Antonio de . Imagens de leitura e representações ideais: uma análise de alguns retratos de livros e de leitores na arte e na literatura.. In: **X Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, 2009, João Pessoa. A responsabilidade social da Ciência da Informação. João Pessoa : Ideia, 2009. p. 984-1001.

DAMATTA, Roberto. **A casa & a rua**: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. 163 p.

DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004. 678 p.

FIGUEIREDO, Nice M. **Estudo de uso e usuários**. Brasília, DF: IBICT, 1994.

FUJITA, Mariângela S. L. A leitura documentária na perspectiva de suas variáveis: leitor-texto-contexto. **DataGramZero**, v. 5, n. 4, ago. 2004. p.1-26.

GUINCHAT, Claire; MENOUE, Michel. Os tipos de documento. In: \_\_\_\_\_. **Introdução geral às ciências e técnicas da informação e documentação**. 2. ed. Brasília, DF: IBICT, 1994. p. 41-56.

HELLER, Bárbara. **Da pena à prensa: mulheres e leitura no Brasil (1890-1920)**. São Paulo: Porto de Ideias, 130 p. 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Brasil: Censo demográfico**, v. 1. Rio de Janeiro: IBGE, 1956.  
\_\_\_\_\_. **Anuário Estatístico Brasileiro**. Rio de Janeiro: IBGE, 1939-1940.

LABARRE, Albert. **História do Livro**. São Paulo: Cultrix, 1981. Tradução de Maria Armanda Torres e Abreu.

LEITE, M.L.M. Literatura de Viagem: Características de uma documentação. **Notícia Bibliográfica e História**, v. 13, n. 104, 1981. p. 212-29.

LEITE, M.L.M. **A Condição Feminina no Rio de Janeiro: Século XIX**. São Paulo: Edusp-UCITEC, 1993.

LÜDKE, M., ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

LYONS, Martyn. Os novos leitores no século XIX: mulheres, crianças, operários. In: CAVALLO, G; CHARTIER, R. **História da leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Ática, 1999. p. 165-202.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. 405 p.

MORAIS, Maria A. C. de. **Leituras femininas no século XIX: (1850-1900)**. 1996. 197 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.

NAHES, Semiramis. **Revista Fon-Fon: a imagem da mulher no Estado Novo (1937-1945)**. São Paulo: Arte & Ciência, 2007. 168 p.

OLIVEIRA, Cláudia de; VELLOSO, Mônica P.; LINS, Vera. **O moderno em revistas**: representações do Rio de Janeiro de 1890 a 1930. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

ORTIZ, Renato. **Cultura e modernidade**: a França no século XIX. São Paulo: Brasiliense, 1991.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007. 192 p.

PINSKY, Carla Bassanezi ; PEDRO, Joana Maria. **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 506 p. 2012.

REVISTA FON-FON. Rio de Janeiro: Fon-Fon, 1907-1958. Semanal.

REVISTA JORNAL DAS MOÇAS. Rio de Janeiro: Empreza Jornal das Moças, Menezes, Filho e C. Ltda. 1914-1965. Semanal.

RIBEIRO, A. I. Mulheres educadas na colônia. In: LOPES, E. M.T, FARIA FILHO, L. M. (orgs). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SANTOS, Francisco V. dos; MONTEIRO, Maria Conceição (orgs). **Sobre mulheres e suas representações**. Rio de Janeiro: Centro de Estudos do Contemporâneo, Editora Caetés, 2005. 168p.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. 4. ed. rev. e atual., São Paulo: Contexto, 2003. 112 p.

SCOTT, Ana Silvia. O caleidoscópio dos arranjos familiares. In: PINSKY, C. B, PEDRO, J. M. **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, p. 15-42.2012.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 4. ed. atual. Rio de Janeiro: Mauad. 503 p. 1999.